

DIÁRIO
DE NATAL



EDUCAÇÃO



NATAL, 31 DE JANEIRO DE 2007 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

PARTE I

Arquivo/DN



“O petróleo é nosso!”

A CONTRIBUIÇÃO DO RIO GRANDE DO NORTE PARA A VITORIOSA CAMPANHA NACIONALISTA QUE UNIU AS MAIS DIVERSAS CLASSES SOCIAIS NA DEFESA DA SOBERANIA DO BRASIL E NA CRIAÇÃO DA PETROBRAS

EDITORIAL

Esta edição do DN Educação resgata a trajetória, no Brasil e no Rio Grande do Norte, da campanha "O petróleo é nosso!", um movimento nacionalista que conseguiu mobilizar toda a sociedade brasileira, em torno da luta pela soberania energética do país. De um lado estavam os patriotas e nacionalistas defendendo a existência de petróleo no Brasil; no outro pólo estavam os aliados ao capital estrangeiro, negando a existência com o objetivo de barrar a extração e o monopólio do petróleo para o Brasil, impedindo seu crescimento na área energética. Classe política, militares, classe média, classe operária, imprensa, estudantes, igreja, enfim, foi um verdadeiro tufão, um vento forte que soprou, estimulando o debate e o interesse popular pelo desenvolvimento energético do país. Convidamos, portanto, a você professor, a você aluno, seja da rede pública ou particular, a aprender um pouco mais sobre a experiência dos potiguares durante essa campanha e a debaterem juntos em sala de aula uma temática tão importante que, certamente, servirá de experiência para os nossos dias porque, acima de tudo, a luta pela soberania simplesmente continua.



Getúlio Vargas com a mão molhada de petróleo em Mataripe, na Bahia, em 1952. Presidente a quem a história deu o privilégio de assinar a criação da maior empresa brasileira

DN EDUCAÇÃO

"O petróleo é nosso!" - Parte I

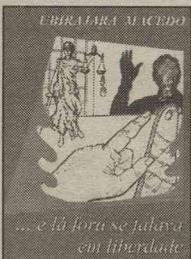
Diretor Geral:
Albimar Furtado
Proposições e Projetos Especiais:
Afonso Laurentino Ramos
Editor do Suplemento:
Francisco Francerle
Reportagens:
Adriana Amorim, Francisco Francerle e Ângela Rodrigues

Diagramação:
Silvana Belkiss
Fotografias:
Marco Polo/DN, Joana Lima/DN, Arquivo/DN, Arquivo Horta Barbosa/CPDOC, Ilustrações de livros da Orelha, Site da Petrobras
Telefone: 4009-0190 / 0192
francerle@diariodenatal.com.br

AGRADECIMENTOS:
A João Batista Pinto;
A Ubirajara Macedo;
À Assessoria de Comunicação da Petrobras;
Ao Sindicato dos Petroleiros;
Aos familiares de Kerginaldo Cavalcanti (filhos Wagner e, especialmente, ao bancário Vinícius Cavalcanti, além dos sobrinhos Hebe e Valério Marinho).
E a todos os demais colaboradores.

FONTES DE PESQUISA:
Site da Petrobras;
E lá fora se falava em liberdade (Ubirajara Macedo, 2001, Ed. Sebo Vermelho)
Livros da Orelha
Nosso Século 1945/1960 (Ed. Abril Cultural, 1980);
Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Ed. FGV, 2001, 2ª Edição);
Rio Grande do Norte - Os notáveis dos 500 anos (Jurandy Navarro, 2004)
Rio Grande do Norte - Oradores - 1889-2000 (Jurandy Navarro, 2ª edição 2004, Ed. do DEI)

ORELHA DE LIVRO



E lá fora se falava em liberdade Ubirajara Macedo, 2001, 1ª edição Ed. Sebo Vermelho

O livro aborda a situação vivida pelo

jornalista Ubirajara Macedo que, após o golpe de 1964, assumiu posições nacionalistas. As atividades como jornalista e político são retratadas desde o início da luta contra a vanguarda da ofensiva golpista até o período em que ficou privado da liberdade.

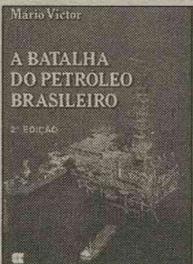
O Petróleo é Nosso - A luta contra o entreguismo pelo monopólio estatal Maria Augusta Tibiriçá Miranda, 1983, 1ª edição Ed. Vozes



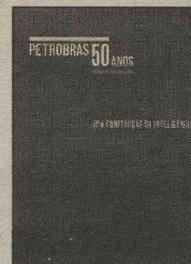
Em meados da década de 40 até a década de 50, o Brasil viveu uma das maiores mobilizações sociais desde a abolição da escravatura. Na luta pelo monopólio estatal brasileiro, a campanha "O petróleo é nosso" uniu, num mesmo ideal, estudantes, militares e opinião pública. Os relatos do livro são baseados a partir da experiência vivida pela autora e tem como suporte uma extensa documentação da época.

A Batalha do Petróleo Brasileiro Mário Vitor, 2ª edição, 1991 Ed. Civilização Brasileira

O livro traça a história do petróleo brasileiro desde a Monarquia até a criação da Petrobras. Dividido em quatro partes, Petróleo e Pioneiros, A Conspiração, Estatuto do Petróleo Petrobrás, o livro aborda os aspectos econômicos, políticos e sociais dos períodos são retratados a partir de entrevistas e documentos.



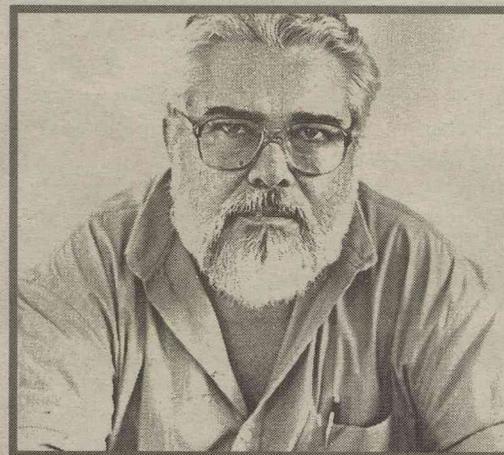
Petrobras 50 anos - Uma construção da inteligência brasileira Institucional, 2003 Ed. Petrobras



Este livro faz parte das comemorações dos 50 anos da Petrobras, ocorridas em 2003, e aborda desde os primeiros sinais de formação de uma consciência nacional sobre o papel do petróleo na geração de riqueza das nações contemporâneas, ainda no começo do século XX - quando a empresa não era sequer um sonho -, para daí avançar passo a passo até a potência empresarial do presente construída.

ARTIGO MOACYR DE GOES*

Os primeiros episódios em Natal



eram os tempos de Curso Científico do Colégio Marista, em Natal, 1º ou 2º ano, não lembro. O ano 1947 ou 48.

Organizara eu um Grêmio Literário, ao qual os maristas logo denominaram de "Padre Champangnat". O Grêmio se reunia às quartas feiras, à tarde, quando não havia aula. Me elegeram presidente e os discursos rolavam de 14 às 17 horas. O Grêmio mantinha um jornal diário, manuscrito, chamado O Martelo. Eu fazia política estudantil no Centro Estudantil Potiguar (CEP), e, posteriormente, na Associação Potiguar de Estudantes (APE), da qual fui seu vice-presidente.

Uma tarde de Grande Ponto, Luiz Ignácio Maranhão Filho, professor do Atheneu, me fala da luta pelo PETRÓLEO É NOSSO. Me conta a história toda que estava ocorrendo no Brasil, mobilizando estudantes da UNE, militares do Círculo Militar, operários estimulados por Getúlio, nacionalistas, intelectuais, etc. Disse que Natal não poderia ficar ausente desse momento histórico e que ia convocar um ato cívico em defesa do monopólio estatal do petróleo. E, de repente, disparou a pergunta:

- Você quer fazer um discurso, representando o Colégio Marista?

Sem outra delegação, a não ser a de representar o Grêmio "Padre

Champangnat", aceitei na hora.

O ato de lançamento da Campanha do PETRÓLEO É NOSSO foi feito nos altos do "Natal Clube", então existente na esquina de Rio Branco e João Pessoa. Era um espaço muito amplo, ao ar livre. Lá falaram os representantes de várias categorias profissionais e um aluno de cada colégio de Natal, Luiz Maranhão e outras autoridades, inclusive o jornalista Djalma Maranhão. No meu discurso, atrevido, radicalmente nacionalista, desanquei as companhias de petróleo, os Estados Unidos e nem a União Soviética escapou da catilinária. Circulou a notícia que havia polícia presente. Mas o ato terminou sem incidentes negativos.

Acompanhava pelo rádio e pelas manchetes do "Zepelin" (banca de jornal que ficava no Grande Ponto) a mobilização que era nacional e que

o couro estava cantando em toda parte. Muita cabeça quebrada pela polícia.

Uns 10 dias depois do lançamento do movimento em Natal, recebi um recado: novo ato seria realizado, agora no pátio da Feira do Alecrim. E que eu preparasse o discurso. Na noite certa fui para o largo ao lado da Avenida Nove. O ambiente já era bem diferente. A polícia cercava o largo, em atitude provocativa. Os promotores do evento

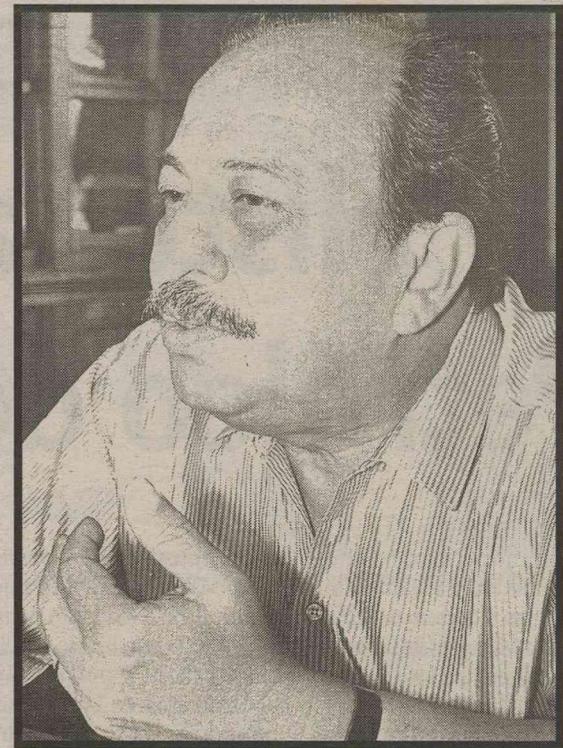
pediam calma para que o ato se realizasse. Não demorou muito. Quando o primeiro orador começou a falar (não me lembro quem) a polícia foi cercando o comício, batendo e chamando todo mundo de comunista. De baixo de pau, o público dispersou e o palanque não precisou ser desarmado, pois foi todo destruído pela polícia. Algumas pessoas (não lembro quais) foram presas.

Estes foram os dois primeiros episódios públicos da LUTA PELO PETRÓLEO É NOSSO, em Natal, que eu me lembro. O resto, as pesquisas contam melhor. O importante é que a PETROBRAS está aí, pujante e forte, e foi conquistada graças à garra do povo brasileiro, mobilizado.

* É escritor e educador. Foi secretário de Educação de Natal e da cidade do Rio de Janeiro

ENTREVISTA ALMINO AFFONSO

Natural do estado do Amazonas, Almino Affonso tem raízes fincadas no Rio Grande do Norte. Neto de Almino Affonso, Senador da República e Tribuno da Abolição em Mossoró, Ceará e Amazonas, é sempre para ele um motivo de orgulho tomar contato com a terra de seus avós. Por iniciativa do Deputado Valério Mesquita, tornou-se Cidadão Potiguar, conforme a vontade soberana da Assembléia Legislativa do Estado. Advogado há mais de 50 anos, tem sido, acima de tudo, um homem público: três vezes Deputado Federal, Senador Suplente por São Paulo, Ministro do trabalho e da Previdência Social, vice-Governador de São Paulo e Conselheiro da República. Essa atividade política reflete-se em mais de uma dezena de livros, editados em Manaus e São Paulo, com destaque para a "Poliantéia" que organizou sobre seu avô, enfeixando o que há de mais significativo escrito sobre ele, no Rio Grande do Norte e no Ceará. Almino Affonso não esconde a vaidade de ser membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, ao lado de tantas figuras exponenciais deste Estado. Casado com Lygia de Brito Álvares Affonso (também advogada), é pai de quatro filhos: Rui, Sérgio, Gláucia e Fábio, bem como avô de seis netos em plena floração.



A vanguarda nacionalista

FRANCISCO FRANCESERLE
EDITOR DO DN EDUCAÇÃO

DN EDUCAÇÃO - Sua participação nacionalista na campanha "O petróleo é nosso" influenciou seu comportamento político no decorrer dos anos?

ALMINO AFFONSO - De mim próprio, posso dizer sem vanglória: desde a juventude, em Manaus e São Paulo, à militância no Parlamento, sempre estive, sem recuos, na trincheira nacionalista, defendendo a "Petrobrás" e a "Eletrobrás". Quando o Presidente Fernando Henrique Cardoso, logo no primeiro mandato, propôs a quebra do monopólio estatal do petróleo, fui à tribuna da Câmara dos Deputados e combati, de maneira contundente, a iniciativa infeliz, não obstante ser; àquela época, Vice Líder do Governo.

Qual a importância dessa campanha para o país e para a Petrobras?

A Campanha do "Petróleo é Nosso", ao longo de muitos anos (1949/1953), empolgou o País, à semelhança da luta vanguardista dos Abolicionistas. Dela participaram jornalistas, intelectuais, oficiais do "Clube Militar", Sindicatistas, estudantes universitários e secundaristas. Graças ao Debate àquela época travado, foi possível prevalecer a tese do "Monopólio estatal do petróleo", em oposição aos que sustentavam que a exploração do "ouro negro" devesse ser feita pelo capital privado. Vale dizer pelas empresas estrangeiras. O País dividiu-se nesse confronto em duas correntes inconciliáveis: os "nacionalistas" e os "entreguistas".

Na sua opinião, quais os principais fatores que contribuíram para o sucesso da campanha?

A "Petrobrás" tomou-se possível graças ao apoio de ponderáveis setores da sociedade, em todo o País. Refiro-me, de modo especial, aos "Centros de Estudo e Defesa do Petróleo". Foi num deles, em Manaus, em 1948, que eu me

convenci da tese do "monopólio estatal". Participava dos Atos públicos, assistia as conferências, devorava livros sobre a questão do petróleo, que enriqueciam minha biblioteca. A grande figura que impulsionava era o Dr. Djalma Batista. À época, eu tinha 19 anos de idade.

Como avalia a importância da figura de Getúlio Vargas nesse período?

Como é sabido, foi o Presidente Getúlio Vargas quem enviou ao Congresso Nacional o projeto de lei instituindo a "Petrobras". Tem o mérito especialíssimo de haver logrado sua aprovação durante seu próprio mandato, tal a garra política com que o impulsionou, através do Partido Trabalhista Brasileiro e do Partido Socialista Brasileiro. Não por acaso os "entreguistas" o odiavam. Mas, cabe fazer duas ponderações: o projeto Getúlio Vargas, por estratégia ou não, deixava brechas que punham em risco o "monopólio estatal". Deve-se ao deputado Euzébio Rocha (PTB de São Paulo) a iniciativa de uma emenda ao Projeto, estruturando seu caráter monopolista. Emenda essa, diga-se a bem da verdade, que teve o apoio do Presidente Vargas. Cabe acrescentar a contribuição, nessa linha, do Deputado Bilac Pinto, da UDN (de Minas Gerais) e antigetulista ferrenho. A configuração final do projeto que instituiu a "Petrobras", com as emendas referidas, deveu-se à articulação política do Deputado Gustavo Capanema, líder do Governo na Câmara Federal.

E de João Goulart?

O Presidente João Goulart, como Presidente do PTB e depois como Presidente da República, sempre foi um dos sustentáculos políticos da "Petrobras". Por conta dessa posição os setores reacionários (incluindo-se os "entreguistas") se opuseram a que ele assumisse a Presidência da República, quando se dera a vacância do Poder com a Renúncia de Jânio Quadros. E das motivações dos golpistas de 1964, a mais profunda era quebrar

o monopólio estatal para que, abrindo espaço, as empresas internacionais tragassem a "Petrobras". Mas, é inegável o extraordinário papel que tiveram, avalizando a tese nacionalista, o General Horta Barbosa, o General Estilac Leal e o General Leônidas Cardoso.

Como o senhor vê os setores que afirmavam não ter petróleo no Brasil?

Dos que se opuseram à tese do monopólio estatal do petróleo, ninguém foi mais negativo, pela combatividade com que o fazia e pelo talento que Deus lhe deu, do que Carlos Lacerda. Recordo que, ao propor o "Estado de Exceção" (que impediria a posse de Juscelino Kubitschek), ele formulou um decálogo de objetivos, à cabeça do qual estava a supressão da "Petrobras".

E a imprensa, como se comportou?

De importância também foi a imprensa alternativa, sobretudo dando respaldo à "Petrobras" (já instalada e combatida sem tréguas pelos "entreguistas"). Nesse contexto, destaco o semanário "Jornal de Debates", fundado e dirigido pelo Dr. Matos Pimenta. E, em sua segunda fase, em São Paulo, sob a Direção de Fernando Gasparian, Rubens Paiva e Marcus Pereira.

E os adversários da campanha?

A Campanha do "Petróleo é Nosso" não se esgotou com a Lei 2.004, de 1953, que criou a "Petrobras". Os adversários da tese do "monopólio estatal" prosseguiram, por todos os meios, no Parlamento e na Imprensa, a tarefa destruidora. A rigor, a vida pública demarcou-se: de um lado, os favoráveis à "Petrobras" e, de outro, os que ansiavam pelo seu insucesso. A título de exemplo: as eleições de 1960, entre o General Teixeira Lott (pelo "monopólio estatal") e o Jânio Quadros, que sustentava a tese "privatista". Seu slogan era: "O Estado é mau patrão". Na verdade, a resposta que, no plano da história, podemos dar aos "entreguistas" (aos de ontem e aos de hoje) é com o êxito consagrador da pró-

pria "Petrobras", cuja grandeza nos mostra que soubemos ver além do horizonte.

Cite as maiores figuras que participaram da campanha, tanto a nível nacional quanto do Rio Grande do Norte.

Foram muitos os que, no plano nacional e nos estados, tiveram a visão política de defender a "Petrobras". Além dos citados, relembro do Amazonas os Deputados Plínio Coelho, Áureo Melo e Artur Virgílio Filho. De São Paulo, os deputados Abguar Bastos, Rogê Ferreira, Ivete Vargas, General Leônidas Cardoso. E me vêm à memória o Senador Domingos Velasco (de Goiás), o Senador Kerginaldo Cavalcanti (do Rio Gran-

de do Norte) e essa figura admirável de potiguar - Djalma Maranhão, que a morte tão cedo nos levou, ainda no começo do exílio em Montevídeo.

Qual foi o papel da UNE?

Outro fator propulsor foi a União Nacional dos Estudantes (UNE), a princípio sob a liderança de Roberto Gusmão, seu Presidente. Em São Paulo, sem desmerecer outras entidades, foram: o "Centro Acadêmico XI de Agosto", tendo à frente o grande companheiro - Rogê Ferreira; e a "União Estadual dos Estudantes", em cuja militância se projetavam Fernando Gasparian e Rubens Paiva, dois amigos que evoco como irmãos.

UM EXÍMIO ORADOR NO CONGRESSO NACIONAL

Almino Monteiro Álvares Affonso nasceu em Humaitá (AM) no dia 11 de abril de 1929, filho de Boemundo Álvares Affonso e de Dolores Monteiro Álvares Affonso. Iniciou os estudos superiores na Faculdade de Direito do Amazonas, transferindo-se, em 1949, para a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), onde se formou.

Em 1958 abandonou suas atividades em São Paulo e retornou a Manaus para disputar uma cadeira à Câmara Federal pelo Amazonas. Foi o único candidato eleito na legenda do Partido Social Trabalhista, naquele estado. No pleito de outubro de 1962, Almino Affonso foi o candidato que obteve a maior votação à Câmara Federal pelo Amazonas, reelegendo-se na legenda do PTB.

Em 1963, o Presidente João Goulart o designou Ministro do Trabalho e Previdência Social, mas ele se demitiu no mês de junho daquele ano. Retornando à Câmara Federal, assumiu a liderança do bloco compacto do PTB.

Em 1º de abril, após o movimento político-militar que, em 31 de março de 1964, depôs João Goulart, Almino Affonso participou de uma reunião com Goulart em Brasília, para analisar o quadro político e a possibilidade de resistência. Em 10 de abril, na primeira lista de cassações divulgada, constava seu nome.

Asilado na embaixada da Iugoslávia, em Brasília, Almino Affonso permaneceria, em seguida, longos anos no exterior: Da Iugoslávia transferiu-se para o Chile, Uruguai, Peru e Argentina. Em agosto de 1976 retornou ao Brasil e, em maio de 1979, filiou-se ao MDB. Com a extinção do bipartidarismo, em 29 de novembro de 1979, filiou-se ao PMDB.

Foi eleito vice-governador de São Paulo, nas eleições de 1986, pela legenda do PMDB, para o mandato 1987-1990. Em 1994 foi eleito deputado federal, na legenda do PSDB, para o mandato 1995-1999. Atualmente está filiado ao PSB, Partido Socialista Brasileiro.

AVANÇO A HISTÓRIA DO PETRÓLEO NO BRASIL, DESDE O PRIMEIRO POÇO NA BAHIA ATÉ A AUTO-SUFICIÊNCIA

História do Petróleo do Brasil

A história do petróleo no Brasil começou na Bahia em 1858, com o decreto n.º 2266 assinado pelo Marquês de Olinda. O decreto concedeu a José Barros Pimentel o direito de extrair mineral betuminoso para fabricação de querosene de iluminação, em terrenos situados nas margens do Rio Marau, na Província da Bahia.

Nos anos seguintes houve várias tentativas para encontrar petróleo no subsolo. A mais bem-sucedida rendeu apenas dois barris do ouro negro e foi descoberta entre 1892 e 1896 pelo fazendeiro Eugênio Ferreira de Camargo em Bofete, interior de São Paulo, o poço tinha quase 500 metros de profundidade, o mais fundo até então.

Somente em 1930, após diversos poços improdutivos perfurados em alguns estados brasileiros, foram encontrados registros mais significativos sobre o petróleo. A utilização de uma lama preta e oleosa para iluminar as residências de Lobato, na Bahia, chamou atenção do engenheiro e geólogo Manoel Ignácio Bastos que a partir de então foi ao local várias vezes para pesquisas e coletas de amostras.

No entanto, as investidas do engenheiro para sensibilizar pessoas influentes serviram apenas para lhe render a fama de maníaco. Em 1932, Bastos foi recebido pelo Presidente Getúlio Vargas, a quem entregou o relatório sobre a ocorrência de Lobato.

Passados três anos da descoberta do potencial petrolífero de Lobato, os relatos empolgaram o presidente da Bolsa de Mercadorias da Bahia, Oscar Cordeiro que passou a realizar campanhas para pesquisas em busca de bases comerciais na região. O envolvimento de Cordeiro foi tanto que ele recebeu os créditos pela descoberta de petróleo na região, fato corrigido pela Petrobrás somente em 1965. As campanhas ren-

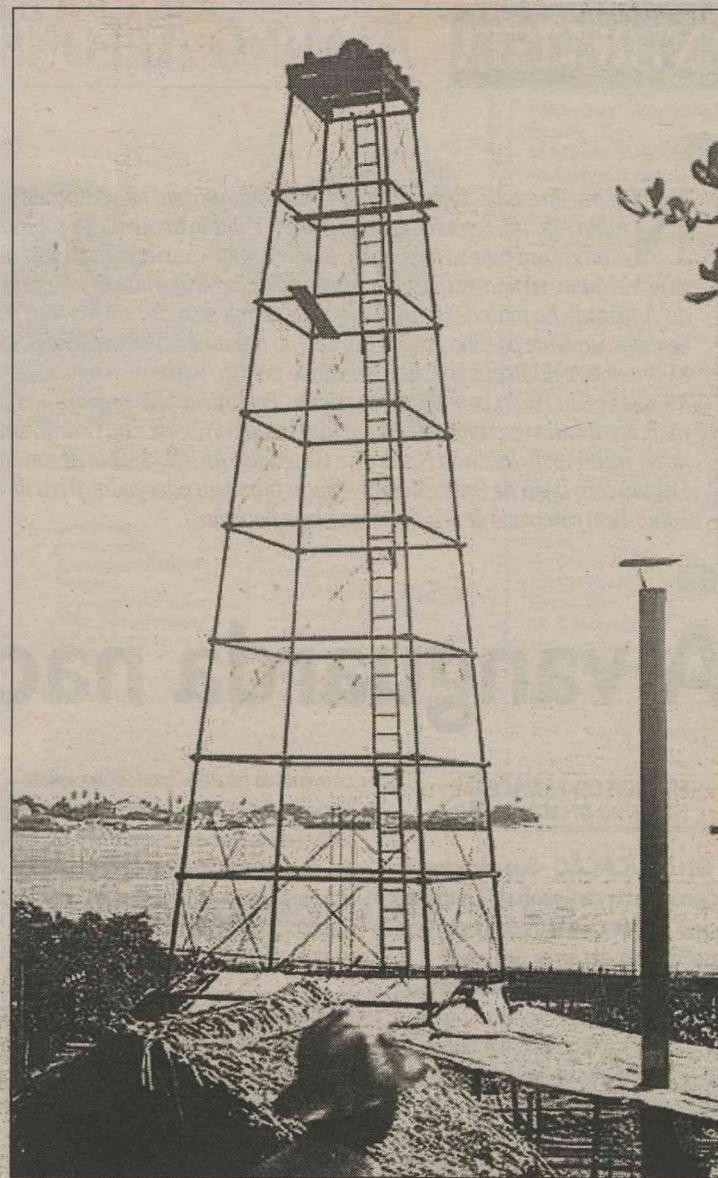
deram frutos em 1937 quando o Diretor-Geral do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Avelino Inácio de Oliveira, autorizou a perfuração de poços na área de Lobato, sendo que os dois primeiros não obtiveram êxito.

A descoberta do petróleo em Lobato atentou o governo para a necessidade de minimizar a dependência brasileira em relação às importações de petróleo. Conseqüentemente, em 1938, o governo de Getúlio Vargas publicou o Decreto-lei nº 395 que instalou o Conselho Nacional do Petróleo (CNP) e teve como primeiro presidente o General Horta Barbosa, militar de posições nacionalistas e favorável ao monopólio do petróleo. O CNP era responsável por estruturar e regularizar as atividades envolvidas, desde o processo de exploração de jazidas até a importação, exportação, transporte, distribuição e comércio de petróleo e derivados. Este decreto tornou o recurso patrimônio da União.

Com o aumento vertiginoso das tensões políticas no final dos anos trinta do século XX, a perspectiva da eclosão de uma nova guerra mundial, colocou a questão do petróleo na ordem do dia para as autoridades brasileiras. O general Góis Monteiro, então chefe do estado maior das Forças Armadas na vigência do regime do Estado Novo, entre os estudos e avaliações que encomendara, recebeu, em 1938, um relatório que muito o impressionou.

O autor era o general Horta Barbosa, o qual, segundo um levantamento que fizera, caso ocorresse uma guerra, escreveu que o Brasil contaria com combustível suficiente somente para algumas semanas. Bloqueado ou cortado o suprimento, num só golpe, o país podia ver-se de joelhos, paralisado ou constringido a recorrer ao carro-de-boi.

Primeiro poço do país, descoberto em 1939, no Lobato (BA), onde foi encontrado arenito petrolífero a 310 metros de profundidade, soterrou a tese de que não havia petróleo no Brasil



Inconformismo

O quadro era desanimador para os brasileiros. Havia uma inconformidade generalizada com o fato de que, até então, num território que se entendia tão pródigo, não havia sido ainda encontrado nada de relevante naquela questão. Acharam petróleo no México, na Venezuela, na Colômbia, no Equador, na Argentina e até no pequeno Uruguai, mas nada de significativo nas terras brasileiras. O constrangimento era coletivo. Foi assim, por causa da proximidade da guerra, que o petróleo virou item importante da Segurança Nacional.

Foi sob a jurisdição do recém-criado CNP que iniciaram a perfuração de mais um poço em Lobato, o DNPM-163. No ano seguinte o petróleo apresentou-se ocupando parte da coluna de perfuração, mas foi considerado antieconômico. O poço DNPM-163, no entanto, foi um marco para o desenvol-

vimento da atividade petrolífera na Bahia, pois a partir dele houve uma grande concentração de esforços na Bacia do Recôncavo, que resultou na descoberta do primeiro poço comerciável do país, o Campo de Candeias, em 1941.

O Conselho mudou de posição em relação ao monopólio do petróleo quando o General Horta Barbosa deixou a presidência do órgão em 1943. O general João Carlos Barreto que assumiu o lugar de Horta Barbosa passou a defender a alteração da legislação para permitir a participação de capitais estrangeiros. Até que no ano de 1945 o Conselho adotou a Resolução nº 2.558 que permitia a instalação de refinarias por empresas privadas.

A II Guerra Mundial (1939/1945) impulsionou o interesse pela exploração do petróleo brasileiro, uma vez que havia grande racionamento de combustíveis

imposto pela ocasião. A concessão para que empresas privadas instalassem refinarias no país foi dada no ano seguinte ao término da guerra.

Dois grupos privados foram autorizados a construir uma refinaria em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, cada uma com capacidade de processar 10 mil barris por dia. A entrada de empresas estrangeiras deu início a um grande debate em relação à política de petróleo. Os nacionalistas, contrários à entrada de capital estrangeiro, deram início à campanha "O petróleo é nosso", patrocinada pelo Centro de Estudos e Defesa do Petróleo.

A campanha mobilizou militares, estudantes e o povo brasileiro em torno de uma mesma causa. Estava iniciada a maior campanha de mobilização social que o país já vira desde a abolição da escravatura.

CAMPANHA AUTOR DA LEI QUE CRIOU A PETROBRAS
VISITOU NATAL E MOSSORÓ EM 1992

Euzébio Rocha no RN



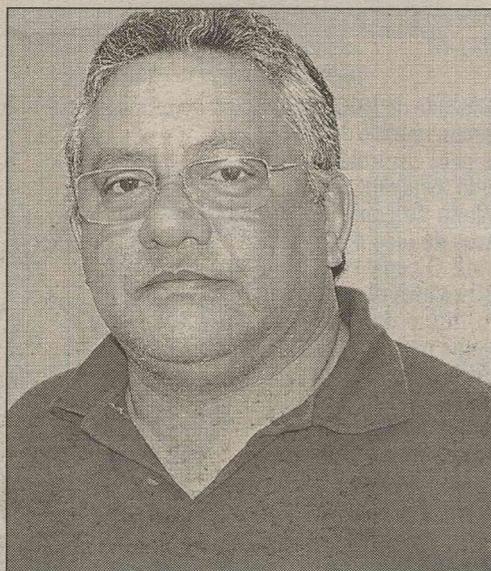
Reencontro entre os amigos Euzébio Rocha e Dorian Freire, em Mossoró

O autor da Lei que criou a Petrobras, deputado Euzébio Rocha, veio ao Rio Grande do Norte, em 1992, para promover a segunda versão da campanha O Petróleo é Nosso que aconteceu devido às políticas de privatização do governo do ex-presidente Fernando Collor de Melo. A visita de Euzébio Rocha a Natal e Mossoró será registrada em um livro que está sendo escrito pelo diretor do Sindicato dos Petroleiros do RN, o sindicalista mossoroense Márcio Azevedo Dias.

O livro "A passagem de Euzébio Rocha pelo RN", que está em fase de finalização, mostra o desenvolvimento da primeira campanha em todo o país que certamente foi um dos maiores movimentos de massa que o povo brasileiro participou e conseguiu vencer. Euzébio Rocha foi um dos baluartes dessa campanha na década de 50 que surgiu com o objetivo de criar a Petrobras e garantir o monopólio estatal do petróleo à companhia brasileira. Foi o deputado Euzébio Rocha quem apresentou o substitutivo ao Congresso Nacional, que foi aprovado e sancionado pelo presidente Getúlio Vargas em 03 de outubro de 1953, criando a Petrobras, após uma ampla campanha nacionalista, realizada pelos diversos setores da sociedade brasileira.

No Congresso Nacional, Euzébio Rocha teve um papel fundamental no combate às idéias de entregar as reservas de petróleo aos trustes internacionais e quando Getúlio Vargas venceu as eleições pelo voto popular, Euzébio foi a até ele e cobrou uma posição firme e nacionalista em torno do Estatuto do Petróleo que pretendia entregar nossas reservas às "sete irmãs". Euzébio Rocha apresentou um substitutivo no Congresso Nacional, obtendo apoio da maioria da Casa e da própria UDN e com isso foi criada a Petrobras e o direito de exercer o monopólio na exploração do petróleo.

Quando esteve em Natal, Euzébio Rocha também serviu de inspiração para o combate às privatizações do governo



Diretor do Sindipetro, Márcio Azevedo

FHC. Ao falar para um auditório cheio, ele disse que essa foi uma luta que nunca vai parar porque as grandes empresas multinacionais, aliadas a determinados setores da sociedade brasileira, sempre insistirão na tese da privatização.

Prova disso aconteceu quando Fernando Collor assumiu o governo e, em nome de um discurso de modernidade implementou uma série de privatizações que, na verdade, era uma revisão da Constituição, entre as quais pretendia atacar a questão do monopólio estatal do petróleo. "Veio Fernando Henrique que também investiu contra a Petrobras, até que, em 1992, o Sindipetro-RN resolveu deflagrar uma campanha com o objetivo de discutir com a sociedade a questão do monopólio estatal do petróleo e a importância da Petrobras para a nossa economia. Realizamos palestras em diversas cidades, concurso de fotografias e redação, contando com a participação de quase todos os partidos políticos, inclusive da OAB, CUT, da Associação dos Engenheiros da Petrobras e do Sindicato dos Petroleiros".

O maior momento dessa campanha foi a presença de Euzébio Rocha no Rio Grande do Norte para proferir palestras, em Natal e Mossoró. Acompanhado do

presidente nacional da AEPET, Diomedes Cesário, ele fez uma bellissima palestra sobre o monopólio estatal, empolgando a todos. "Era entusiasmado com a luta brasileira em prol do petróleo e dizia que "somente um louco poderia querer privatizar a Petrobras", testemunhou Márcio Azevedo.

No livro, o petroleiro descreve o encontro entre os dois amigos Euzébio Rocha e o jornalista Dorian Jorge Freire, na cidade de Mossoró, onde ele também realizou palestras. Eles são amigos desde a década de 50, quando se conheceram

em São Paulo, durante um congresso de estudantes. Dorian já era jornalista e Dorian era um jornalista respeitado, conhecido nacionalmente e Euzébio deputado. "O reencontro foi na biblioteca da casa de Dorian e eu pude presenciar e percebi que os motivos que uniram essa amizade continuavam vigentes naquele momento", disse Márcio Azevedo.

Sobre Dorian, o deputado Euzébio Rocha falou que ele tinha um conhecimento muito grande sobre a campanha "O Petróleo é Nosso", contribuindo muito para o nosso país com sua visão em defesa da pátria, da soberania da nação, da democracia. Dorian deu integral apoio à campanha, escrevendo depoimentos sobre Euzébio Rocha e depois o próprio Euzébio escreveu carta agradecendo seu apoio. Ao lado de Vingtun Rosado Maia, Dorian Jorge Freire foi um grande atalaia na cidade petrolífera de Mossoró, na defesa do petróleo brasileiro e da Petrobras.

Desde 1985, Márcio trabalha na Petrobras e desde 1991 participa do Sindicato dos Petroleiros do RN, sendo eleito em 2006 o coordenador geral do Sindicato. É bacharel em sociologia pela UERN de Mossoró.

DORIAN JORGE FREIRE



"Dorian Jorge Freire, querido amigo e velho companheiro de ideal e de lutas.

"Por oportuno, recordo satisfeito e sensibilizado, a festa cívica que foi o nosso encontro em Mossoró. Você, a quem os anos só fizeram nos aproximar mais, honrando-me com seu apoio e presença. Tudo foi muito bom.

"A causa que defendemos é tão justa que tem, por si mesma, tal poder que há de abater e vencer as forças que representam os interesses contra o povo.

"O malfeitor político, cujo governo ainda é responsável por grande parte das imensas dificuldades nacionais, julgou poder afrontar o Judiciário, desconsiderar o Legislativo e sa-

quear a nação, impunemente. Por sua insensibilidade esqueceu-se de que, entre nós, há homens e líderes que têm fé no futuro e possuem incansável capacidade de trabalho e nítida visão das necessidades nacionais. Tal é o caminho em que os povos se engrandecem na prosperidade na afirmação de suas virtudes. Porque vejo com prudente esperança os rumos do Brasil.

"A vida me ensinou que nada acontece por acaso, nem é fruto da inércia acomodada. Informar, divulgar, é preciso, até porque o povo só pode agir informado. Quando tem consciência de uma verdade que se torna evidente e é do grande interesse nacional, constitui força de pressão, inventível. Temos tudo para vencer; importa lutar.

"Pela reação nacional e popular, o alienado Estatuto do Petróleo foi arquivado; as Diretas já foram vitoriosas; os contratos de "risco" foram proibidos pelo Congresso por 441 votos contra 7 e 6 abstenções; foi afastado o presidente. Mobilizar o povo, é a lição da História.

"Desde 1948, há mais de quatro décadas, participo da luta em defesa de nossos minérios, porque minério, não dá segunda safra e, por igual preservação da Petrobras, símbolo do desenvolvimento nacional. Em nome dessa coerência lhe envio a mensagem que remeti ao presidente da República, e que submeto à sua apreciação. Divulga-la, creio, é necessário.

"Peço recomendar-me aos companheiros. Com toda estima e velha admiração, aperto-lhe a mão.

"Euzébio Rocha".

Prometi e divulgo a carta que recebi do criador da lei do "petróleo é nosso". O bravo Euzébio Rocha que derrotou o imperialismo e fez aprovar a lei da criação da Petrobras pelo seu amigo presidente Vargas. A luta recomeça porque recomeçam as ameaças ao nosso petróleo pelo mesmo imperialismo. Euzébio, apenas mais velho, reage como um leão na defesa de nosso patrimônio e de nossa soberania ameaçados.

OPINIÃO

DORIAN JORGE FREIRE

Há meio século o imperialismo norte-americano vetou o Brasil como produtor de petróleo. Negava a existência do óleo nosso subsolo. Remember, mister link. O povo tomou na mão a luta e conquistou a grande vitória. A guerra de "o petróleo é nosso" foi cruenta, sim. Há dezenas de mártires. Muita gente foi torturada e presa pelo governo, falsamente democrático de Marechal Dutra. E surgiram os grandes lutadores. O maior deles foi Euzébio Rocha, deputado paulista. Encarnou a idéia do petróleo explorado pelos brasileiros, como monopólio do Estado. Foi por assim dizer o padrinho da Petrobras. Levou o grande presidente Vargas, sensível aos sinais do tempo e da vontade popular, a optar pelo monopólio estatal e pela Petrobras. O imperialismo não engoliu a Petrobras vitoriosa nem o petróleo brasileiro. Ontem ele quis evitar o petróleo do Brasil. Hoje ele quer nos roubar o petróleo, na sua política clássica de espoliação e de saque. Aparece para comandar a luta novamente Euzébio Rocha. Mais velho, mais vivido, com o mesmo idealismo. O mesmo patriota provado. É seu destino identificar-se com as lutas de libertação econômica do Brasil. Ele sabe disso e cumpre o seu papel com coragem. A nação tem que segui-lo em defesa até de sua dignidade.

PIONEIRO TRAJETÓRIA COMEÇOU COM O ESCRITOR BAIANO QUE ESCREVEU CARTA ATÉ A GETÚLIO VARGAS

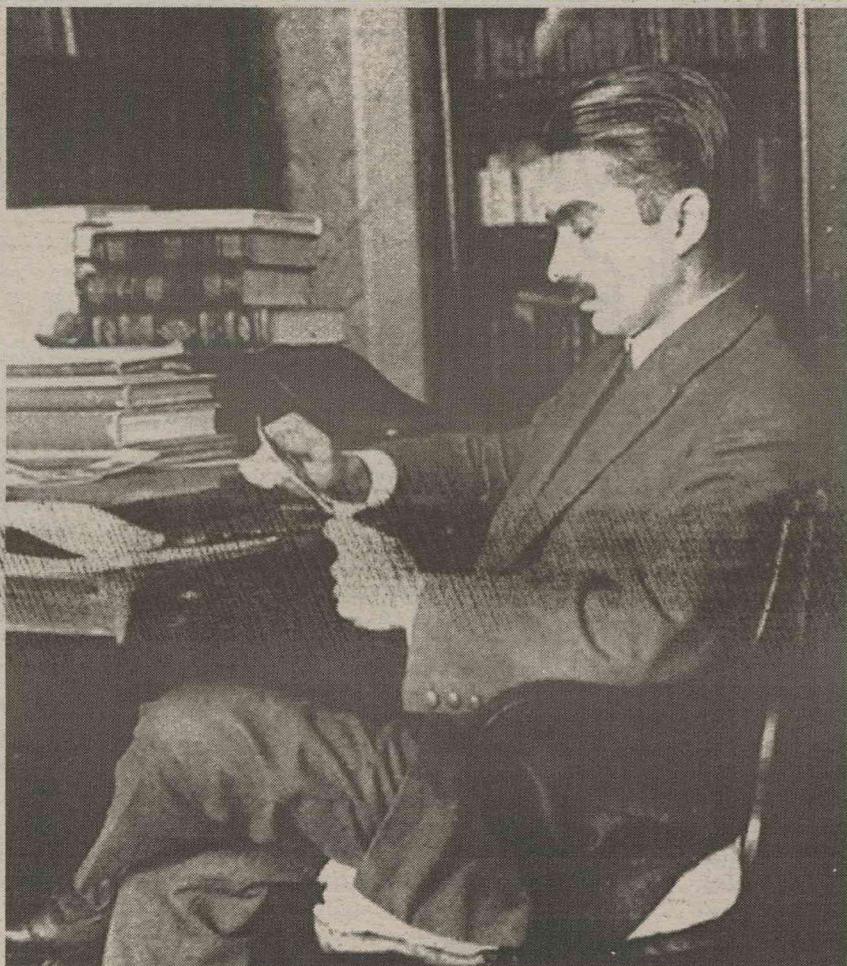
Monteiro Lobato: um capítulo especial

Visconde de Sabugosa, Dona Benta e Tia Nastácia. Criados por Monteiro Lobato (1882-1948), estes personagens foram além das fábulas infantis e fizeram campanha a favor do petróleo brasileiro. Durante viagem aos Estados Unidos em 1931, o escritor ficou entusiasmado com o

modelo americano de desenvolvimento e passou a defender os recursos naturais do Brasil, entre eles a capacidade de produção de petróleo. Nacionalista, José Bento Monteiro Lobato sonhava com um Brasil próspero que pudesse oferecer progresso e desenvolvimento para sua população.



Charge de Belmonte, de 1937, sobre as batalhas incansáveis de Monteiro Lobato pelo "ouro negro" brasileiro



Escritor por ofício. Monteiro Lobato foi o mais árduo defensor da tese de que havia petróleo no país. Empenhou dinheiro, tempo e talento para defender essa idéia.

A intensa militância do escritor Monteiro Lobato desempenhou papel fundamental para a auto-suficiência em petróleo hoje conquistada pelo Brasil

Na década de 1930, as trustes, fizeram reunião de empresas para controlar o mercado, estavam se apossando de grandes áreas de óleo e minérios. O cenário foi favorável para o início da campanha para a nacionalização dos bens do subsolo e Monteiro Lobato desempenhou papel chave nesta tarefa. Em 1931, o escritor fundou a Companhia Petróleos do Brasil e o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, que tinham por objetivo a exploração de ferro e petróleo. Depois de ser interdita por intervenção federal, a sonda de Alagoas da Companhia Petróleos do Brasil fez jorrar o primeiro jato de gás de petróleo a 250 metros de profundidade no poço São João de Riacho Doce.

Os esforços de Monteiro Lobato não param por aí. Através de artigos, palestras para promover a conscientização popular e, sobretudo, da literatura de forte conotação política, o escritor fez uma intensa campanha favorável à exploração do petróleo. Denunciou os contratos mantidos pelo governo com a Itabira Iron Ore Company e acusou o governo de forjar laudos que afirmavam a não existência de petróleo no Brasil.

De acordo com o escritor, a intenção do governo era beneficiar as grandes empresas estrangeiras interessadas em manter inexploradas as reservas petrolíferas brasileiras. Os obstáculos impostos pelo governo Vargas à exploração inspiraram Lobato a escrever "O Escândalo do Petróleo". Em poucos meses o livro alcançou a marca de 20 mil exemplares vendidos.

CENSURA

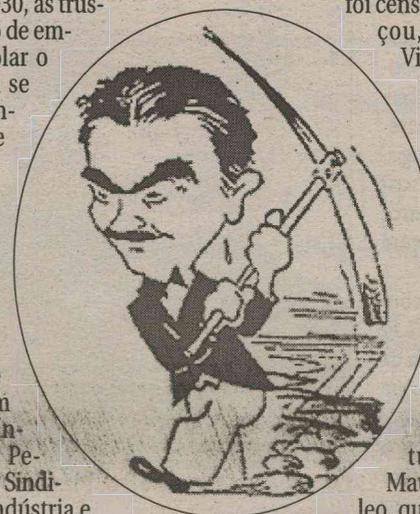
Mas, Lobato sofreria as primeiras consequências dos ataques ao Governo em 1937. Com a implantação da ditadura do Estado Novo, "O Escândalo do Petróleo"

foi censurado. O escritor lançou, então, "O Poço do Visconde". A obra, supostamente infantil, criticava a descrença na existência do ouro negro em solo brasileiro.

Os reverses não intimidaram o autor de "Sítio do Pica Pau Amarelo". No ano de 1938, Lobato e seus companheiros realizam assembleia e constituem a Companhia Matogrossense de Petróleo, que tinha como meta a perfuração em Porto Esperança, em Mato Grosso. No mesmo ano começa a escrever cartas para o presidente Getúlio Vargas ressaltando que as novas diretrizes do Departamento Nacional da Produção Mineral representam um golpe de fatal para o petróleo no país: "Pelo amor de Deus e do Brasil, não preste sua mão generosa à mais cruel e mesquinha obra de vingança pessoal, disfarçada em sublime nacionalismo", escreveu.

Em 1940, na tentativa de sensibilizar Getúlio Vargas para a causa, Monteiro Lobato escreve mais cartas alertando-o sobre os malefícios da política de trustes, a necessidade de defesa da soberania nacional e acusa o Conselho Nacional do Petróleo (CNP) de perseguir empresas nacionais. É preso em 20 de março de 1941 "vítima de intensa campanha de militares brasileiros e outros elementos pró-nazismo, que combatem os elementos democráticos e anglófilos do país", segundo notícia veiculada pela agência norte-americana Overseas News Agency.

Monteiro Lobato falece em 1948, mesmo ano em que a União Nacional dos Estudantes (UNE) cria a Comissão Estudantil de Defesa do Petróleo. A intensa militância do escritor para a causa do petróleo desempenhou papel fundamental para a exploração nacional do ouro negro e consequentemente para a auto-suficiência conquistada recentemente.



Carta a Getúlio Vargas

São Paulo, 20 de janeiro de 1935
Dr. Getúlio Vargas

"Por intermédio do meu amigo Rôndal de Carvalho, procurei no dia 15 do corrente, fazer chegar ao seu conhecimento uma exposição confidencial sobre o caso do petróleo, estou na incerteza se esse escrito chegou a destino. Talvez se perdesse no desastre do dia 20. E como se trata de documento de muita importância pelas revelações que faz, seria de toda conveniência que eu fosse informado a respeito. Nele denuncie as manobras da Standard Oil para senho-rear-se das nossas melhores terras potencialmente petrolíferas, confissão feita em carta pelo próprio diretor dos serviços geológicos da Standard Oil of Argentina, que é o tentá-

culo do polvo que manipula o Brasil. E isso com a cooperação efetiva do sr. Victor Oppenheim e Mark Malamphy, elementos seus que essa companhia insinuou ou no Serviço Geológico e agora dirigem tudo lá, sob o olho palerma e inocentíssimo do dr. Fleuri da Rocha. É de tal valor a confissão, que se eu der a público com os respectivos comentários o público ficará seriamente abalado.

Acabo agora de obter mais uma prova da duplicidade desse Oppenheim, cormaca do Fleuri. Em comunicação reservada que ele enviou para a Argentina ele diz justamente o contrário, quanto às possibilidades petrolíferas do Sul do Brasil, do que faz aqui o Fleuri pelos jornais, com o objetivo de embarçar a marcha dos trabalhos da Companhia Petróleos.

O assunto é extremamente sério e faz jus ao exame sereno do Presi-

dente da República, pois que as nossas melhores jazidas de minérios já caíram em mãos estrangeiras e no passo em que as coisas vão o mesmo se dará com as terras potencialmente petrolíferas. E já hoje ninguém poderá negar isso visto que tenho uma carta em que o chefe dos serviços geológicos da Standard ingenuamente confessa tudo, e declara que a intenção dessa companhia é manter o Brasil em estado de "escravização petrolífera".

Aproveito o ensejo para lembrar que ainda não recebi os papéis, ou estudos preliminares do serviço que V. Excia. Tinha em vista organizar, por ocasião do encontro que tivemos em fins do ano passado, no Palácio Guanabara".

Respeitosamente,

J. B. Monteiro Lobato

Dr. Getúlio:

O Petróleo! Nunca o problema teve tanta importância, e se com a maior energia e urgência o senhor não toma a si a solução do caso, arrepender-se-á amargamente um dia, e deixará de assinalar a sua passagem pelo governo com a realização da Grande Coisa. Eu vivi demais esse assunto. No Livro O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO denunciei à nação o crime que se cometia contra ela - e com a maior dor de coração vejo hoje que o oficialismo persiste nesse crime, e agora armado numa arma que não existia antes: o monstruoso "tank" chamado CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

Dr. Getúlio, pelo amor de Deus ponha de lado a sua displicência e ouça a voz de Jeremias. Medite por si mesmo no que está se passando. Tenho a certeza de que se assim o fizer, tudo mudará e o pobre Brasil não será crucificado mais uma vez.

HISTÓRICO

A procura do petróleo era uma atividade aberta a todos os brasileiros e na qual muita gente, nos últimos anos começava a empenhar-se. Surgiram empresas novas. O capital principia a medrosamente a interessar-se pelo assunto. Os obstáculos eram os obstáculos naturais do negócio, e os artificiais, criados pelas entidades que nos vendiam petróleo e muito naturalmente não queriam que tivéssemos petróleo próprio. Mas fomos vencendo a cada passo. Eu e meus amigos conseguimos formar três companhias novas e tal foi o vulto do movimento petrolífero que o governo, que já mais no Brasil cuidara do petróleo, entrou em cena, e com as melhores intenções criou o CONSELHO NACIONAL DO PETRÓLEO.

Mas rapidamente essa órgão fugiu à sua missão. E tais coisas pôs-se a fazer, que convenceu o povo de que o Governo não quer que os brasileiros tirem petróleo. Também se vai gerando a opinião de que a política oficial obedece, mais do que nunca, aos interesses do imperialismo da Standard Oil, dona do mercado nacional, visto com o resultado da política do CONSELHO só beneficia a essa entidade.

Parecerá absurda semelhante afirmação, porque nas falas do CONSELHO as palavras "petróleo" e "nacionalismo" dançam um fox-trot no palco dos "considerandos" justificatórios - mas no fim da dança só saem ganhando as companhias estrangeiras que nos vendem petróleo. Quanto mais retardarmos a criação da grande indústria petrolífera, tanto melhor para elas - e outra coisa não faz o CONSELHO, 1) com a perseguição sistemática às empresas nacionais; 2) com o amontoamento de embaraços legais à exploração do subsolo; 3) com a idéia secreta do monopólio oficial; e finalmente 4) com o tiro de misericórdia que, subrepticiamente, acaba de dar em nossas companhias com o decreto-lei 2.173 de 8 do mês passado.

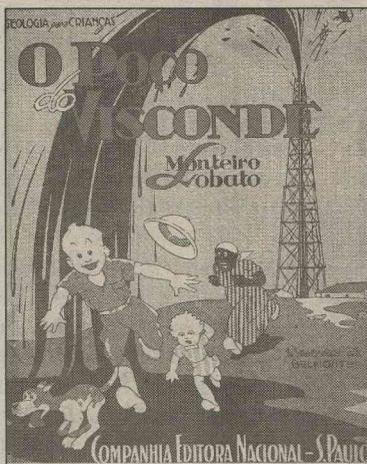
QUI PRODESTE?

Na investigação dum crime o primeiro passo dos criminologistas é estudar a quem o crime aproveita. QUI PRODESTE? - A QUEM APROVEITA? Pois bem: não há um só ato do CONSELHO que, próximo ou remotamente, não aproveite ao polvo Standard Oil - e só a ele...

DESTRUIÇÃO DAS COMPANHIAS NACIONAIS

Os Estados Unidos abriram o primeiro poço em Titusville, em 1859. Um ano depois já havia 18 174 poços novos e dezenas de companhias novas. E a coisa foi em marcha ascensional e até a média de 20 mil poços por ano, na qual se mantém até hoje. O Brasil abriu o primeiro poço de petróleo no Lobato, em 1935.

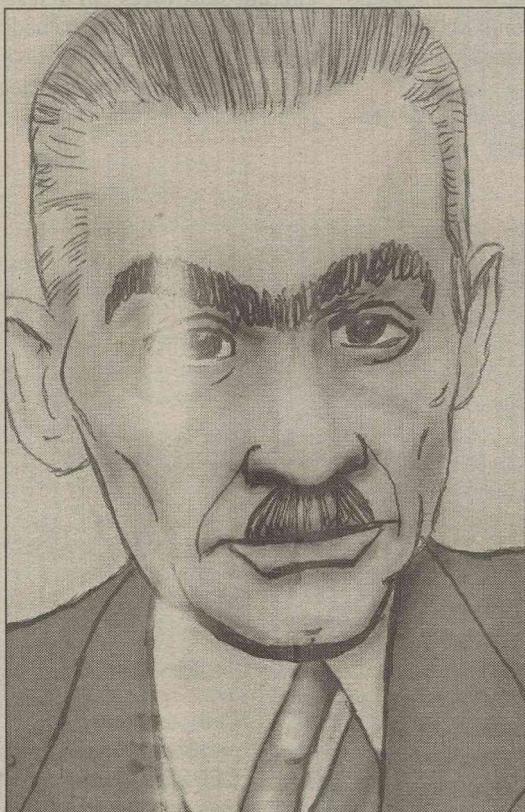
Panfleto de Monteiro Lobato editado pelo Centro XI de Agosto, em 1947: décadas de campanha pelo petróleo



Em "O poço de Visconde" tornou a grande temática nacional daquele tempo acessível às crianças.

MENSAGEM
DE
Monteiro Lobato
À
Mocidade
do Brasil
SOBRE O
PROBLEMA
DO
PETRÓLEO

Imagem de carta escrita do escritor para o presidente



Perfil Monteiro Lobato

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. Ele é popularmente conhecido pelo conjunto educativo, bem como divertido, de sua obra de livros infantis, o que seria aproximadamente metade de sua produção literária. A outra metade, que consiste em um número de romances e contos para adultos, foi menos popular, mas um divisor de águas na literatura brasileira.

Escritor e editor, Monteiro Lobato foi precursor do movimento modernista brasileiro. Estabelecido como advogado e fazendeiro de café, escreveu um dia uma carta a um jornal paulistano, falando sobre a aridez e outras questões de terra no interior. O editor do jornal lhe pediu novos artigos, ao que Lobato respondeu com novos tex-

tos e contos, mais tarde reunidos em seu livro "Urupês" (1918).

Nesse livro, Lobato criou seu célebre personagem, o Jeca Tatu, que se tornou um símbolo tanto do caipira brasileiro quanto do atraso das regiões remotas. De personalidade muito dinâmica, Lobato se mudou para São Paulo e fundou a Revista do Brasil, seguida de uma editora, a Monteiro Lobato e Cia., primeira editora nacional (até então os livros ainda eram editados e impressos na Europa), apoiando novos talentos literários que despontavam na época. Muito crítico e rebelde, entrou e saiu de prisões várias vezes, chegando a ser exilado.

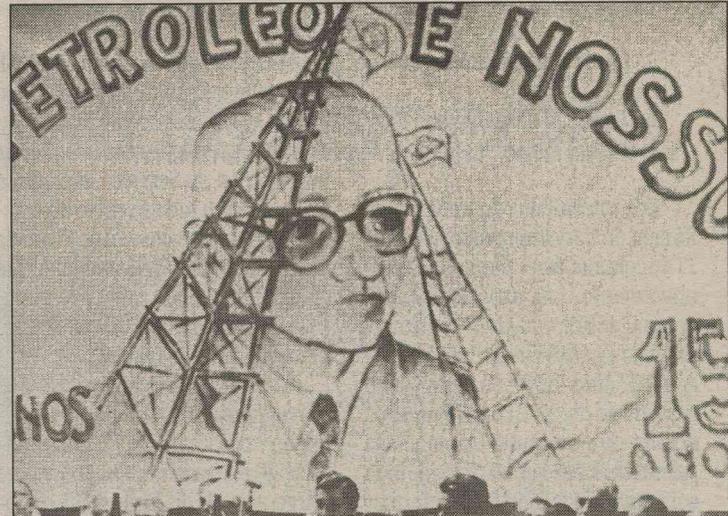
Mais da metade de seus livros escreveu para o público infante-juvenil, com a intenção de ajudar na formação intelectual e moral dos jovens. Pelo menos três gerações de brasileiros que

se desenvolveram sob a influência de suas obras e de seu pensamento. Quando escreveu seu primeiro livro, em 1920 (A Menina do Narizinho Arrebitado), ele havia notado que faltavam obras para as crianças da época. O Sítio do Pica-pau Amarelo e os personagens criados por Monteiro Lobato fizeram muito sucesso desde que foram lançados. Suas histórias foram até adaptadas para a televisão nos anos 70 e 80.

A outra parte de sua obra é basicamente política, como política era também sua militância intensa como jornalista e editor. Sempre mostrou grande preocupação com a situação do povo brasileiro e seu engajamento nas lutas por mudanças na sociedade brasileira. Conseqüência dessa luta sofreu as agruras das prisões e da perseguição.



O senador Euzébio Cavalcanti ao lado de parlamentares na luta pelo petróleo e pela criação da Petrobras



Os cartazes da campanha percorreram as principais cidades do país. Neste, o imagem do general Horta Barbosa, presidente do Conselho Nacional do Petróleo

MEMÓRIA A CAMPANHA QUE EMPOLGOU O BRASIL DE NORTE A SUL E A RESISTÊNCIA NACIONALISTA VITORIOSA

O petróleo é nosso!

Estamos em 1947, no pós-guerra mundial, começo da Guerra Fria. O Brasil tem em torno de 50 milhões de habitantes. As simpatias angariadas e a influência assegurada pelos Estados Unidos sobre as elites brasileiras cresceram exponencialmente. A política de cooperação irrestrita com a grande nação do norte é a tônica da diplomacia brasileira.

Vamos nos situar no Rio de Janeiro, na época em que o governo do general Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) elaborava e discutia o anteprojeto de lei conhecido por "Estatuto do Petróleo", elaborado para atender não aos interesses nacionais, mas às exigências

dos grandes monopólios petrolíferos estrangeiros, particularmente do truste norte-americano chefiado pela Standard Oil, que teve interferência direta em sua elaboração.

Em fevereiro do ano seguinte este documento seria enviado ao Congresso Nacional. O projeto admitia a participação de capital estrangeiro até o limite de 40% do capital. Contudo, a proposta desagradou a gregos e troianos: as multinacionais queriam uma situação análoga à da Venezuela, onde podiam controlar o capital das empresas e onde o prazo das concessões era de 40 anos, renováveis por mais vinte. Por outro lado, as forças nacionalistas não

admitiam outra solução que não a do monopólio estatal do petróleo.

Ainda durante a elaboração do Estatuto, em abril de 1947, uma série de conferências e debates realizados no Clube Militar acendia o estopim de uma das maiores campanhas políticas de nossa história, que ficaria famosa por seu slogan. As discussões no Clube Militar envolveram basicamente dois generais, que encaravam de maneira diferente os meios de proceder ao desenvolvimento do país: Horta Barbosa e Juarez Távora.

Horta Barbosa foi o primeiro presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), fundado em 1938, e não

acreditava nos empréstimos públicos norte-americanos. Sua posição era radicalmente nacionalista e tinha forte repercussão popular. Achava que os lucros deviam provir do refino. Para o financiamento da construção de refinarias propunha a utilização de recursos das Caixas Econômicas e da Previdência Social.

Juarez Távora, subchefe do Estado-Maior do Exército, acreditava também que o monopólio seria o ideal. Ponderava, entretanto, que as condições da economia e do Tesouro Nacional não eram as melhores para a realização de um plano viável.

E foi a partir deste duelo de pen-

samentos que a alma nacional rebelou-se; apoiando, claro, os ideais de Horta Barbosa e batendo de frente com o "Estatuto do Petróleo". A juventude - através da União Nacional dos Estudantes (UNE), dos Centros Acadêmicos e dos Grêmios Estudantis - lançou-se às ruas com o lema "O petróleo é nosso". Em pouco tempo, a campanha empolgou todo o Brasil, de norte a sul. Os militares patriotas, entrincheirados no Clube Militar, ergueram suas vozes em defesa da nação ameaçada. Os trabalhadores mobilizaram-se. Parlamentares e intelectuais nacionalistas conclamaram a nação a resistir.

Uma campanha de cunho popular

Era literalmente uma campanha de cunho popular - o maior movimento de opinião a que o Brasil já assistira - que se sobrepuja à política partidária. Houve até um concurso com a eleição da "Rainha do Petróleo Brasileiro", vencido por Petronilha Pimentel, que se fez fotografar de braços abertos com o petróleo baiano a gotejar de suas mãos.

Em 4 de abril de 1948, formou-se no Rio de Janeiro o Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo, coração da resistência, e cuja UNE foi uma das grandes incentivadoras. Na presidência de honra figurariam dois ferrenhos e respeitados líderes nacionalistas: o ex-presidente Arthur Bernardes e o gen. Horta Barbosa. Foi a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), instituição presidida por Barbosa Lima Sobrinho, a sede do "Centro

Nacional", onde reuniam-se intelectuais, políticos e ativistas para encaminhar a campanha, e onde foi realizada a primeira manifestação pública em defesa do petróleo.

Este ato público, inclusive, ocorreu em 7 de abril, foi duramente reprimido, com dois feridos a bala, três presos e inúmeros espancados. No Rio Grande do Sul, a União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas realizou o primeiro comício no dia 15 de maio de 1948. E já em 1º de junho do mesmo ano, foram criados o Centro e a Comissão Estadual de Defesa do Petróleo (CEDP).

O Partido Comunista, na ilegalidade desde maio de 1947, era igualmente muito ativo junto ao centro, embora não tenha aderido imediatamente à tese da estatização. O PC propunha-se a defender os interesses dos setores que qualificava de "burguesia

nacional progressista" contra os grandes trustes internacionais.

Ainda em abril de 1948, o CEDP, juntamente com a UNE, promoveu uma "Semana do Petróleo". Em junho, veio o "Mês do Petróleo". Em outubro, a Convenção Nacional do CEDP adotava formalmente a tese do monopólio estatal para todas as fases do negócio do petróleo e, em dezembro, um projeto completo sobre a questão era apresentado ao Congresso na escadaria da Câmara Federal.

No Clube Militar, adeptos de Horta Barbosa, numa campanha bem articulada, expediram 30 mil cartas endereçadas a pessoas responsáveis pela formação da opinião pública no país. Em consequência de toda essa mobilização, o Estatuto não chegou a sair das comissões do Congresso.



Campanha do petróleo, apoiada pelo CEDPEN, reunia militares, estudantes, políticos e intelectuais

A lentidão no Congresso Nacional

O ano de 1951 inicia com a tentativa do Departamento Federal de Segurança Pública de suspender por seis meses o "Centro Nacional". Em Minas Gerais, Juscelino Kubitschek fecha, em maio, o Centro mineiro. No Rio de Janeiro, a "Segunda Convenção Nacional em Defesa do Petróleo" foi proibida e no dia da sua instalação, na sede da UNE, a polícia invadiu o recinto disparando e deixando inúmeros feridos. Mas, o conclave prosseguiu.

Em dezembro de 1951, Getúlio Vargas enviou ao Legislativo a mensagem nº 469, com o projeto de lei que criava a Petrobras. O projeto ganhou o número 1.516, compunha-se de 31 artigos e em nenhum deles havia um dispositivo que estabelecesse o monopólio da União. Isso porque foi elaborado secretamente por uma equipe liderada pelo assessor especial do pre-

sidente, Rômulo de Almeida, e diversos técnicos do CNP.

Mas, era um projeto eminentemente técnico. A luta intensificou-se. O "Centro Nacional" rejeitou o projeto apresentado pelo governo, e a 25 de janeiro de 1952, o deputado Euzébio Rocha Filho (PTB), com o apoio de outros 26 deputados e do "Centro Nacional", apresentou substitutivo instituindo o Monopólio Estatal do Petróleo e seus Derivados.

A opção pela solução estatal só ocorreu quando Vargas e Almeida se convenceram de que as grandes empresas estrangeiras tinham planos modestos em matéria de exploração petrolífera no Brasil. Depois de uma ampla mobilização e de demoradas negociações, finalmente a 3 de outubro de 1953 pôde ser promulgada a Lei 2.004, que criava a Petrobras e ins-

tituía o Monopólio Estatal do Petróleo. Por ironia da história, seus mais ardentes defensores encontravam-se na cadeia ou derrotados. Seu primeiro presidente, designado por Vargas, seria Juraci Magalhães (10/5/54 a 2/9/54).

No seu último ano de governo e de vida, Getúlio raramente voltou a falar desse projeto. As próprias possibilidades de êxito da Petrobrás ainda eram questionadas. Com seu suicídio, porém, iria garantir a concretização das teses nacionalistas - nascidas nos setores mais combativos das Forças Armadas e que tiveram respaldo numa ampla frente de luta popular. Desde então, nunca cessaram os esforços dos grandes trustes petrolíferos no sentido de inviabilizar a Petrobras e de acabar com o Monopólio Estatal do Petróleo.

Mesmo com a vitória, campanha continua

A aprovação da Lei nº 2.004 significou uma grande vitória do movimento. No entanto, o nascimento da Petrobras não encerrou a campanha "O petróleo é nosso". Isso porque alguns setores da imprensa e da política iniciaram um combate sistemático à Petrobras e ao monopólio do petróleo. "Acontece que, com o suicídio de Getúlio Vargas, assumiu o Ministério da Fazenda e o controle da política



Juscelino Kubitschek (centro), com Jânio Quadros (esq.) e Ulisses Guimarães (dir.), que aderiu à campanha após o apelo popular

e econômica nada menos que Eugênio Gudin, que escreviam freqüentes artigos combatendo ferozmente as instituições nacionalistas. "Eles argumentavam que os recursos destinados à Petrobras representavam um desperdício", diz, ressaltando que o fato exigiu uma permanente mobilização dos nacionalistas, temerosos de um provável retrocesso na política do petróleo.

"Felizmente", enfatiza José Daniel Diniz, "a Petrobras continuou intocada, sendo defendida pelos trabalhadores, estudantes, comunistas e por grande número de militares, entre os quais muitos oficiais generais", diz, e continua. "Além disso, a própria empresa, já em funcionamento, demonstrava ser eficaz, descobrindo novos poços e elevando a produção". Mas, a felicidade durou pouco. Du-

parte de Carlos Lacerda e Eugênio Gudin, que escreviam freqüentes artigos combatendo ferozmente as instituições nacionalistas. "Eles argumentavam que os recursos destinados à Petrobras representavam um desperdício", diz, ressaltando que o fato exigiu uma permanente mobilização dos nacionalistas, temerosos de um provável retrocesso na política do petróleo.

"Felizmente", enfatiza José Daniel Diniz, "a Petrobras continuou intocada, sendo defendida pelos trabalhadores, estudantes, comunistas e por grande número de militares, entre os quais muitos oficiais generais", diz, e continua. "Além disso, a própria empresa, já em funcionamento, demonstrava ser eficaz, descobrindo novos poços e elevando a produção". Mas, a felicidade durou pouco. Du-

parte de Carlos Lacerda e Eugênio Gudin, que escreviam freqüentes artigos combatendo ferozmente as instituições nacionalistas. "Eles argumentavam que os recursos destinados à Petrobras representavam um desperdício", diz, ressaltando que o fato exigiu uma permanente mobilização dos nacionalistas, temerosos de um provável retrocesso na política do petróleo.

rante o regime militar, Ernesto Geisel - desrespeitando a própria Constituição outorgada pelos generais - autorizou os chamados "contratos de risco" e entregou 86% das áreas sedimentares do país à exploração internacional. Por sorte, em treze anos, essas multinacionais não encontraram uma única gota de petróleo.

Nesse mesmo período, um decreto ilegal deu poderes ao Governo de interferir nos preços dos combustíveis, sem garantir à Petrobras a necessária remuneração. Inaugurou-se um período de "preços políticos", de subsídios à nafta petroquímica e ao óleo combustível, em proveito da iniciativa privada. Foi um período de descapitalização da Petrobras e de comprometimento de seus investimentos a longo prazo.

Os sucessivos governos neoliberais procuraram enfraquecer ainda mais a Petrobras e, em 1995, Fernando Henrique Cardoso acabou com o monopólio estatal do petróleo. Áreas já pesquisadas foram leiloadas e entregues a "preço de banana" aos monopólios internacionais, com todas as informações disponíveis.

ARTIGO

NATAHANIAS VON SOHSTEN JR*

Relembrações da luta pelo petróleo

Quando foi promulgada em 1953 a Lei n. 2004, que disciplinou o monopólio estatal do petróleo, eu era um adolescente preocupado apenas com as próprias (e muitas) necessidades individuais. Os interesses coletivos pouco diziam ao jovem que concluía o ginásio.

A morte de Getúlio, em 1954, cujo caráter trágico era realçado pela marca do inesperado suicídio, trouxe-me uma surpresa: descobri-me chorando, sem a menor vergonha, junto com colegas da mesma idade. Sentíamos-nos todos órfãos. Afinal, tínhamos nascido e crescido no Estado Novo. Mas era evidente, acima de tudo, que cada lágrima tinha vindo à luz impulsionada pelo carisma do "Velhinho", ainda que o DIP tivesse ajudado a implantá-lo em nossas mentes.

Emoções juvenis à parte, a morte de Getúlio e sua impactante carta-testamento puseram-me na cabeça uma primeira idéia política: a defesa do monopólio estatal do petróleo estava por trás, entre outras causas, do sacrifício do Presidente, como ele próprio afirmara: "Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás; mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma". Ainda hoje, mesmo assaltado por robustas dúvidas cartesianas, não consigo libertar-me dessa convicção formada em contexto tão emocional.

Ao ingressar na universidade em 1957, a luta pelo petróleo estava plenamente vitoriosa. O último lance dramático ocorrera em 1955, quando o General Lott, além de frustrar em 11 de novembro o golpe que tinha por objetivo impedir a posse do novo presidente eleito, Juscelino Kubitschek, afastou nuvens negras estacionadas sobre a Petrobrás (palavra que hoje é grafada sem acento) com frase curta e grossa: "A Petrobrás é intocável".

O movimento estudantil - do qual participei intensamente, inclusive como membro da Diretoria da UNE do período 1960/61 - tinha então outras prioridades, como a defesa da Revolução Cubana e a reforma universitária. Mas não arriava a guarda: o nome da Petrobras ainda era uma poderosa palavra de ordem, capaz de mobilizar com grande rapidez estudantes e trabalhadores em sua defesa.

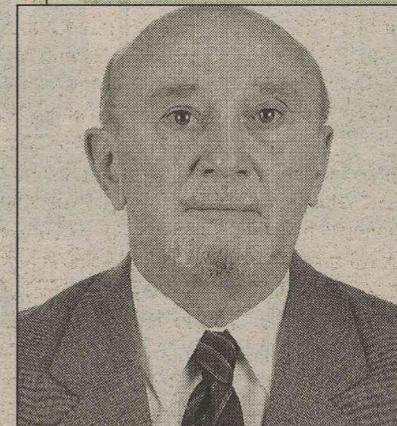
Em 1960, o General Lott decidiu, sem dúvida sob influência dos segmentos nacionalistas da política nacional, candidatar-se à presidência da república. Sua campanha contou com forte apoio do movimento estudantil. Fui presidente do Comitê Estudantil Lott-Jango em Natal. Todas as tardes, numa sala que ficava em cima da confeitaria de Maiorana, na rua João Pessoa, eu e outros esforçados (Paulo Oliveira e Carlos Lima eram os mais assíduos) promovíamos, através de serviço de alto-falante, divulgação de notícias da disputa eleitoral e editoriais de nossa própria lavra.

Foi uma época de intensa propaganda em favor do monopólio estatal do petróleo e da Petrobrás. Vale lembrar, que embora Jânio Quadros tenha vencido a eleição no Estado, graças ao apoio de Aluízio Alves, Lott foi amplamente vitorioso na capital, para o que contou com a grande mobilização popular que se operou para eleger Djalma Maranhão Prefeito de Natal.

Hoje, quando a Petrobras já conquistou para o País a auto-suficiência na produção de petróleo, a história dessa luta precisa ser rememorada, não só para afirmar a competência dos técnicos, administradores e trabalhadores que escreveram uma história de indiscutível sucesso, mas também para lembrar

a todos os brasileiros que a estatização conduzida com probidade e competência é caminho que encurta distâncias na busca do desenvolvimento econômico.

Um último ponto a destacar: as divisas economizadas pela Petrobrás garantem a estabilidade de nosso balanço de pagamento e nos dão tranquilidade que não está sendo aproveitada para verdadeiramente acelerar o crescimento da economia brasileira.



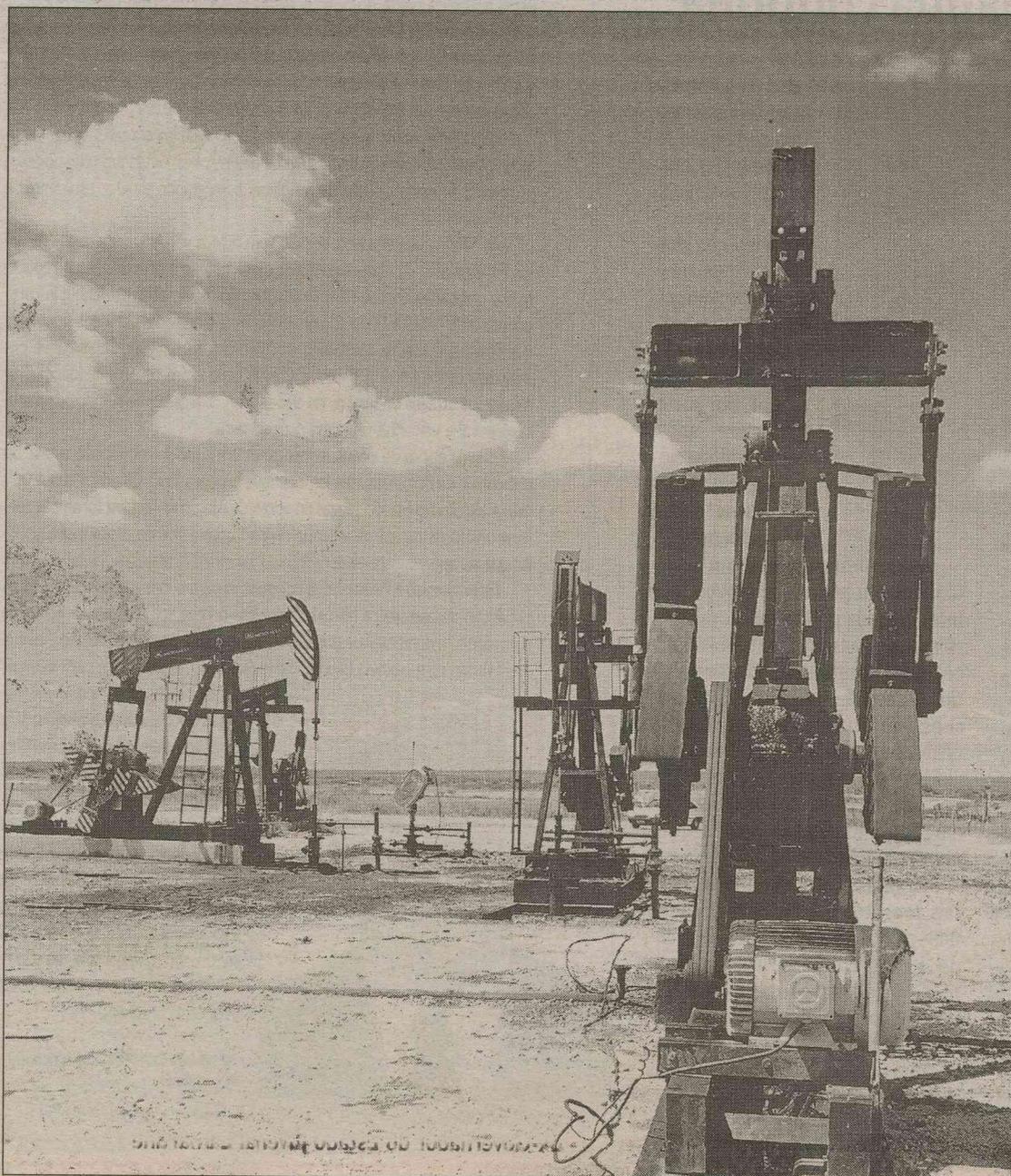
* É advogado e Procurador Federal Aposentado

POTIGUAR A PARTICIPAÇÃO DOS NORTE-RIO-GRANDENSES NA LUTA NAS MAIS DIFERENTES ÁREAS

O petróleo é nosso no RN

O Rio Grande do Norte também deu sua contribuição à campanha "O petróleo é nosso" na década de 50, com representantes de toda a sociedade lutando ao lado dos nossos irmãos do resto do país, para que se tornasse realidade a idéia de Vargas e Euzébio Rocha de retirar das "sete irmãs" a riqueza energética do país que representa parte incon-

teste de nossa soberania. Assim é que lideranças políticas como as de Djalma Maranhão, Moacir Duarte, José Xavier da Cunha, Luiz Maranhão e outros se juntaram a lideranças sindicais como Pretextato José da Cruz, Bento Ventura, José Paulino, Floriano Bezerra, João Macedo Ferreira Sobrinho e José Campelo Filho, formando um grande cordão que se espalhava pelo estado.



No meio estudantil estavam à frente Ticiano Duarte, Hélio Vasconcelos, Carlos Lima, Paulo Frassinete de Oliveira, Louril Nascimento, Jurandir Navarro, Altair Borges, Guaraci Oliveira, Iapony Galvão e Altemar Cirilo, um major da PM que depois foi perseguido pelo Exército, além de outros que mostraram a seus liderados as vantagens que adviam para o Brasil da criação da Petrobras e da implantação do monopólio estatal do petróleo. Recebiam todos eles a aprovação de quantos os escutavam durante palestras, comícios nas ruas e formação de comitês.

No Senado, a palavra vibrante de Kerginaldo Cavalcanti, juntamente com Domingos Velasco, senador por Goiás arrasavam com os "entreguistas" de todos os matizes. No livro "A batalha do petróleo", o escritor Mário Victor afirma que o jornalista Assis Chateaubriand era temível na defesa dos trustes internacionais, mas sucumbia diante os argumentos do senador potiguar Kerginaldo Cavalcanti. "Ele se defrontava quase que diariamente com senadores da estirpe de Kerginaldo Cavalcanti, Landulfo Alves, Alberto pasqualine, Domingos Velasco e João Vilasboas".

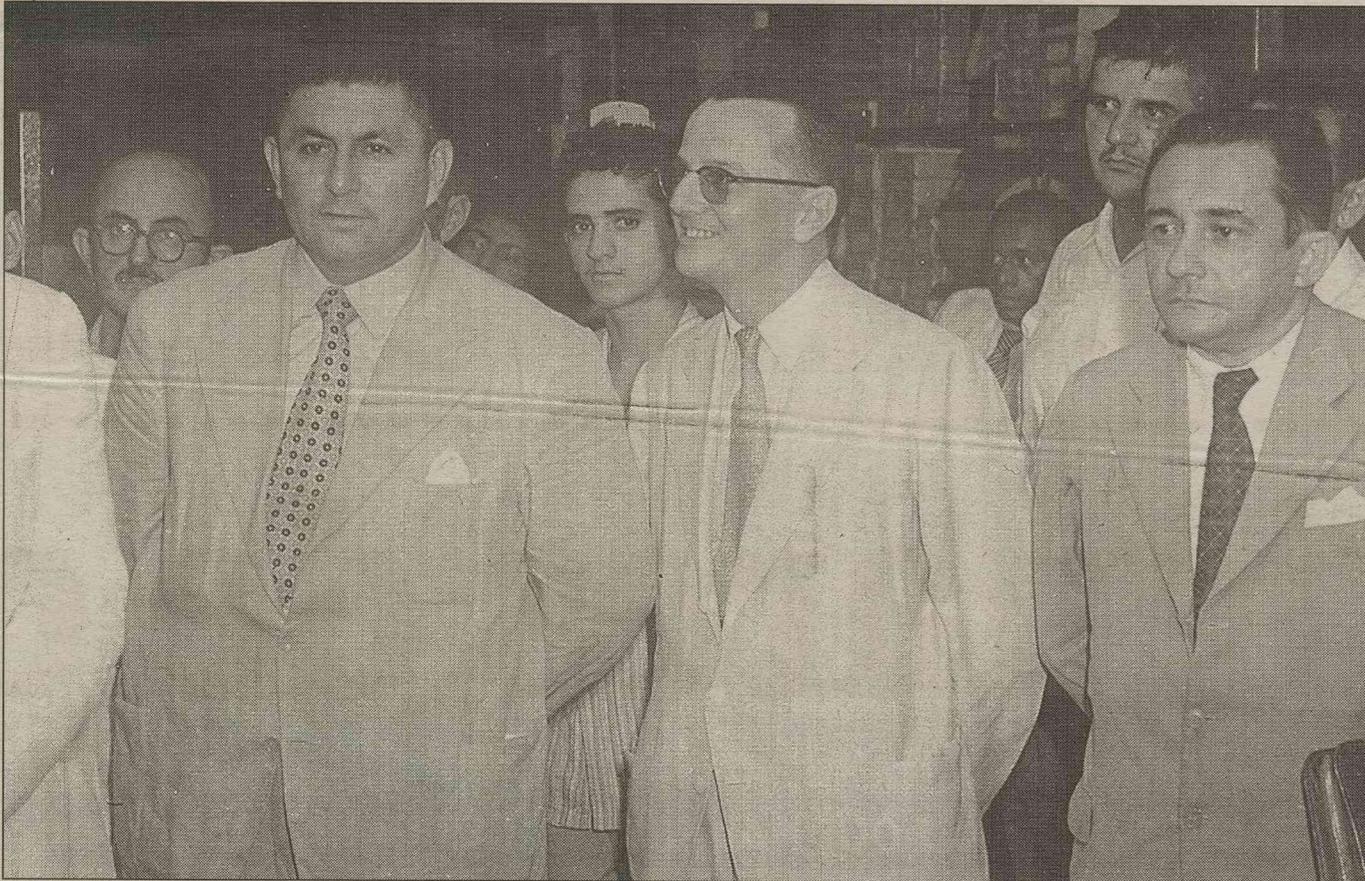
O povo brasileiro pôde contar com um Congresso patriota e digno que não se deixou vender aos milhões das irmãs oligopolistas do petróleo. É verdade que existem alguns que tiveram ajuda dos trustes (como se chamavam na época "as sete irmãs". Elas contavam mais com os Bob Fields, Roberto Mari-

nho e poucas figuras do apocalipse nacional. Era mais a imprensa "sadia" de que mesmo o Congresso.

Na Câmara Federal, o deputado Djalma Maranhão que fazia parte da Frente Parlamentar Nacionalista, era outro atalaia nacionalista. Em Natal, ele abriu as páginas de seu jornal "Folha da Tarde", para matérias favoráveis ao monopólio estatal do petróleo, que era o grande sonho dos brasileiros na época. No jornal, a vanguarda era do jornalista Ubirajara Macedo que mantinha a coluna "Nacionalista" escrevendo artigos em defesa do país diante dos gigantes internacionais.

Na Assembléia Estadual, algumas figuras políticas também se destacavam na Campanha do Petróleo é Nosso. Os deputados Luiz Maranhão e Floriano Bezerra tiveram uma atuação marcante, além de outros que pertenciam a uma ala mais conservadora que antes pensava-se não quisessem nada com a soberania do país, como Moacyr Duarte e Xavier Cunha.

Outro segmento que se engajou na campanha potiguar fora o dos funcionários públicos, principalmente dos Correios, como Luiz Gonzaga de Souza e Pastor Machado, este último liderando comitês de bairro para a mobilização de operários e lideranças de comunitárias. Além disso, vieram ao Rio Grande do Norte grandes figuras da campanha como Hermes Lima e Domingos Velasco, que era do Partido Socialista Brasileiro por Goiás.



Ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão (esq.), ao lado do livreiro Walter Pereira e do ex-secretário de Educação Carlos Borges

OPINIÃO

DJALMA MARANHÃO

Generais do petróleo

Horta Barbosa, Leitão da Cunha, Felicíssimo Cardosos, Estilac Leal são os generais do petróleo, ficaram na história, ao lado de centenas de patriotas, ao levantar bem alto a bandeira imbatível do "Petróleo é nosso", que ainda hoje continua fazendo espumar de raiva, a camarilha de entreguistas.

Quer identificar um entreguista? Simples, muito simples. Faça-lhe uma indagação sobre a política petrolífera e, se ele repetir o slogan criado pela Standard Oil, de todo aquele que defende a tese do "petróleo é nosso", é comunista, você, então, terá a figura mesquinha do entreguista.

Belíssima campanha que, pela primeira vez, uniu na mesma frente estudantes e militares, intelectuais e militares, operários e militares. Esta frente está precisando ser reconstituída, para a salvação da pátria.

Extraído da obra "2 livros de Djalma Maranhão no exílio", organização de Moacyr de Góes

Uma luta sem cor ideológica

A exemplo de em outros estados da Federação, a campanha uniu as diversas correntes políticas, empolgando muita gente no Rio Grande do Norte, inclusive pessoas tidas como conservadoras tradicionais, como é o caso do ex-governador Juvenal Lamartine que, segundo o jornalista Ticiano Duarte, ao participar de uma palestra do comunista Valério Konder, o ex-governador levantou-se e o aplaudiu no momento em que pronunciava a seguinte frase: "se defender o Brasil, suas riquezas, sua soberania é ser comunista, pois sou com muita honra, co-

munista". Valério veio a Natal, na época, designado pelo Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo para fazer conferência em prol da campanha.

A luta pelo petróleo começou a surtir resultados no RN, entre 1956 e 1957, quando iniciaram as primeiras sondagens em regiões que os geólogos admitem a existência de petróleo. Próximo à cidade de Macau, mais exatamente no sítio Canto do Papagaio, foram abertos poços, afluindo petróleo a 50 metros de profundidade. Estes poços foram imediatamente tapados com farinha de trigo e palha de arroz, por ordem de Walter Link, que era diretor técnico da Petrobras, contratado pelo presidente da Petrobras, Juracy Magalhães, aquele da frase histórica "o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil".

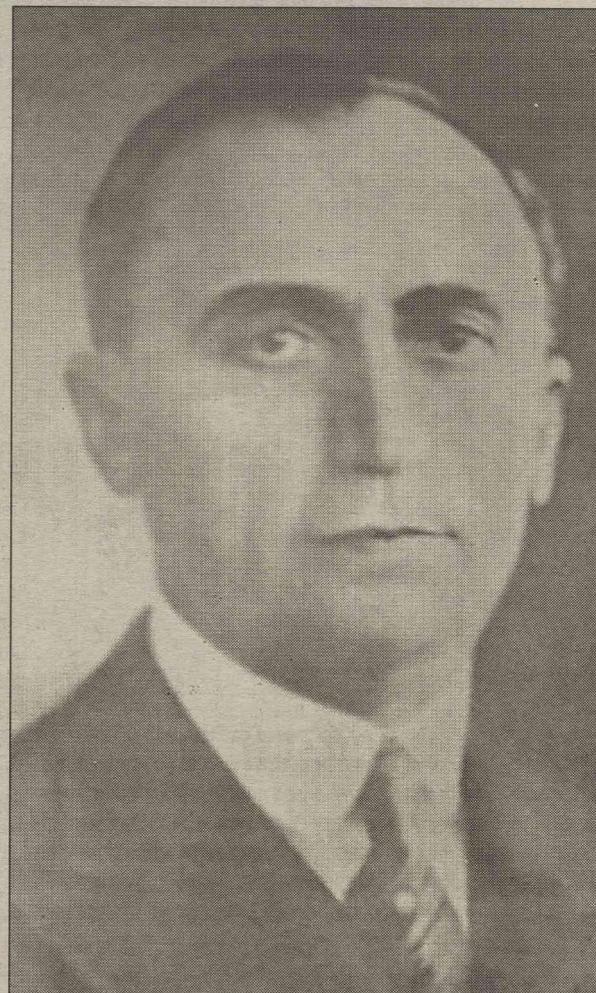
Sem contar com os poços tapados por mister Link, o Rio Grande do Norte só iniciou sua produção para valer nos anos 60, quando surgiu em Mossoró o poço pioneiro, situado na área onde se instalou depois o Hotel Termas. Ainda em funcionamento e com profundidade pequena, o poço pioneiro da Petrobras em terra tem um vazamento diário de 15,3 barris.

A presença da Petrobras só tornou-se mais expressiva a partir da década de 1970, com a perfuração na plataforma marítima do campo de Ubarana, em 73. Em 1979, foi perfurado o primeiro poço terrestre em Mossoró. Somos o segundo maior produtor de petróleo do país, produzindo 101 mil barris/dia na bacia potiguar, que compreende toda a região situada entre Carnaubais, Ponta do Mel, Areia Branca e Mossoró, incluindo-se o Vale do Assu.

Em trinta anos de atuação no Rio Grande do Norte, a Petrobras investiu cerca de \$ 14,7 bilhões de dólares no Estado. Hoje, já são mais de 15 mil empregos diretos e indiretos. Só este ano, a empresa vai disponibilizar R\$ 2,6 bilhões entre investimentos, apoio a projetos comunitários e culturais e custeio no Rio Grande do Norte. Atualmente, a estrutura da empresa em território potiguar inclui 25 plataformas marítimas de produção, uma planta de Querosene de Aviação (QAV), duas unidades de biodiesel, 51 campos e 4.700 poços em atividade.



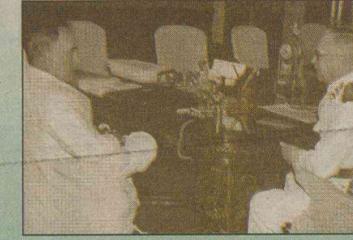
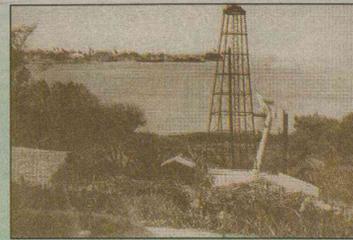
O professor e ex-deputado Luiz Maranhão foi um dos precursores do movimento no Rio Grande do Norte



Ex-Governador do Estado Juvenal Lamartine



À esquerda, o senador Assis Chateaubriand e à direita, o presidente Juscelino Kubitschek, em cujo governo Kerginaldo Cavalcanti não aceitou dirigir a Petrobras



Potiguares de coragem

OS NOMES DO RIO GRANDE DO NORTE QUE MAIS SE DESTACARAM NA CAMPANHA

Se o lema "O petróleo é nosso" contagiou de estudantes a militares, intelectuais a empresários, jornalistas a donas de casa, atuando até mesmo em comitês de bairros, nada foi mais importante durante a campanha do que as discussões ocorridas no Congresso Nacional. Lá, a batalha foi ainda mais acentuada, sobretudo porque estava nas mãos dos deputados e senadores a decisão final acerca da Petrobras. Basicamente, o duelo entre "nacionalistas" e "entreguistas" era relacionado à participação ou não do setor privado na exploração do petróleo. Nessa batalha, o senador potiguar Kerginaldo Cavalcanti, era incansável nos embates com o senador Assis Chateaubriand, o homem mais poderoso da mídia brasileira na época. Na Câmara Federal, sobressaía-se a figura corajosa de outro potiguar: Djalma Maranhão, defensor das políticas nacionalistas em qualquer instância. Aprovado o projeto da Petrobras na Câmara dos Deputados, com mais de 150 emendas, em 2 de setembro de 1952, foi remetido ao Senado Federal. No entanto, en-

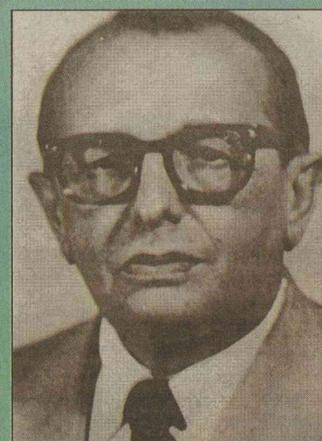
ADRIANA AMORIM E FRANCISCO FRANCESLE DA EQUIPE DO DN EDUCAÇÃO frentando resistência exatamente oposta à da Câmara, o senador Othon Mader chegou a apresentar emenda ao projeto no sentido de favorecer a participação dos grupos privados.

A emenda foi apoiada pelo senador Assis Chateaubriand, da Paraíba, e recebeu parecer favorável da Comissão de Transportes, Comunicações e Obras Públicas, presidida pelo senador Napoleão Alencastro Guimarães, do Distrito Federal. Em junho de 1953, o projeto retornou à Câmara com 32 emendas, algumas das quais permitindo o completo controle da Petrobras pelos interesses privados, não só nacionais como estrangeiros. Em discordância, o então deputado Euzébio Rocha apresentou um substitutivo justificando que quanto mais nacionalista fosse o projeto, mais preservaria os interesses do Estado e mais impediria que a sociedade se tornasse um instrumento do enriquecimento de poucos. Aprovado em sua redação definitiva, o projeto, enfim, se transformou na Petrobras que Vargas sonhou.

OPINIÃO WAGNER CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE*

"Papai foi considerado o maior defensor da bandeira nacionalista, em especial da Petrobras, que à época era apenas uma entidade que sofria ingerências por parte de empresas internacionais. Nesse tempo, eu era um rapazinho, estava concluindo o curso de Direito, e ia todos os dias ao Senado. Sentia muito orgulho de ver meu pai tão prestigiado sempre que discursava sobre algum assunto, principalmente sobre petróleo. As galerias sempre ficavam lotadas, pois ele era um orador extraordinário. Verifiquei que a maioria dos que ia prestigiá-lo eram pessoas desconhecidas que iam somente para ver papai discursar, ainda mais quando o assunto era sobre a defesa do petróleo. Do lado de papai, estavam os senadores Domingos Velasco e Mozart Lago, que lhe davam muito apoio. Mas, as grandes discussões aconteciam, principalmente, com Assis Chateaubriand, este de pensamento "entreguista". Embora os dois tenham estado por 16 anos de lados opostos, eles tinham grande respeito um pelo outro. Chateaubriand chamava papai de tupiniquim, uma maneira jocosa e ao mesmo tempo carinhosa de chamá-lo de nacionalista, enquanto que papai chamava-o de "entreguista", também denotando respeito. Um dos grandes momentos foi após a morte de papai, quando Chateaubriand fez um discurso no Senado destacando a figura do Senador e do Defensor, uma homenagem àquele que foi um grande entusiasta das causas brasileiras e da Petrobras. Outro ponto forte da vida de papai foi ao sair do Senado, quando Juscelino Kubitschek lhe ofereceu o cargo de diretor da Petrobras, que ele não aceitou. Só aceitara algo se fosse como assessor jurídico. E foi o que aconteceu. Papai foi advogado da Petrobras, como uma espécie de reconhecimento pelo nacionalismo e pela luta da Petrobras. Ele terminou seus dias como advogado, aos 89 anos e meio, no Rio de Janeiro, com a família".

* É filho de Kerginaldo Cavalcanti. Mora na cidade do Rio de Janeiro, onde atua como advogado e preside o Clube dos Advogados do Estado do Rio de Janeiro.



Kerginaldo Cavalcanti

O SENADOR TUPINIQUIM

Na defesa do projeto da Petrobras, muitos outros nomes tiveram importância de peso nessa luta. Além do deputado Euzébio Rocha, de São Paulo, destacaram-se desde o primeiro momento os senadores Landulfo Alves, da Bahia, Domingos Velasco, de Goiás, Alberto Pasqualini, do Rio Grande do Sul, e, principalmente, Kerginaldo Cavalcanti, do Rio Grande do Norte, este tendo sido uma das maiores figuras de nosso Estado, bem como do Parlamento brasileiro.

Eminente figura de homem público, constituinte, jornalista, jurista e parlamentar, Kerginaldo Cavalcanti de Albuquerque, com o brilhantismo de sua inteligência, muito contribuiu para as grandes causas públicas nacionais, notadamente durante os mandatos de Senador da República, período que compreendeu entre 1949 a 1959, através de duas legislaturas. No seu último mandato, no entanto, Kerginaldo sobressaiu-se "como denodado nacionalista, defendendo a nação brasileira, a riqueza do seu sub-solo, o seu petróleo, a sua economia e outros bens subjetivos da nacionalidade pátria", como frisou o ex-senador Martins Filho, também pelo Rio Grande do Norte, em seu discurso em homenagem à memória de Kerginaldo, em 20 de novembro de 1984, no Congresso Nacional.

Nas palavras do ex-senador, Kerginaldo Cavalcanti sempre portou-se como um verdadeiro patriota, tendo sido um grande orador, "cujos discursos eram cadenciados pela onda vibratória da perfeita modelação da voz", disse. Por isso mesmo, era

chamado de "Patativa do Nordeste".

Na homenagem, Martins Filho recorda a luta de Kerginaldo pela nacionalização do petróleo brasileiro, em especial nos seus embates com Assis Chateaubriand. Enfrentando a inteligência e sagacidade do poderoso cacique dos Diários Associados, o modesto "tupiniquim", como foi apelidado pelo próprio Chateaubriand, revelou-se um ágil esgrimista na arte da disputa parlamentar.

Segundo Martins, isso marcou, de tal maneira, as suas convicções nacionalistas que lhe garantiram o reconhecimento da opinião nacional, concretizada, por fim, na instituição da Petrobras, "que ele ajudara a criar, na persistente luta que travou pela tribuna, pela imprensa e por todos os meios a que pôde recorrer, em defesa das potencialidades econômicas nacionais", enfatizou. Dessa forma, ao deixar o Senado e já residindo no Rio de Janeiro, Kerginaldo Cavalcanti foi, a convite do Presidente Juscelino Kubitschek, exercer função junto à Petrobras.

PERFIL

Kerginaldo Cavalcanti nasceu em 11 de janeiro de 1895, em Natal. Sua carreira vivenciou várias fases, desde a trajetória parlamentar, como Deputado na Constituinte de 1934 e como Senador em duas legislaturas. Iniciou os seus estudos nos Colégios Santo Antônio e Americano, na capital potiguar, tendo cursado também o Atheneu Norte-riograndense, terminando o curso pedagógico no Lyceu do Ceará, em Fortaleza.

Aos 18 anos de idade publicou uma obra literária sob o título "Contos do Agreste", e, posteriormente, mais um romance, "Os desesperados". Por ocasião da campanha da Reação Republicana, foi Kerginaldo quem dirigiu no Rio Grande do Norte todo o movimento daquela organização política nacional.

Diplomou-se em Advocacia e exerceu a Política na sua plenitude. Nos anos áureos pertenceu ao Partido Social Progressista, liderado por João Café Filho, seu amigo. Em Natal, foi redator-chefe de "A Notícia" e de "A Imprensa", em cujas colunas sustentou memoráveis campanhas na defesa dos direitos da coletividade.

Foi, Kerginaldo, eleito Senador e naquela Casa Legislativa bem desempenhou o mandato a ele conferido pelo sufrágio universal dos eleitores potiguares. Inúmeros pronunciamentos, discursos, proposições, projetos e intervenções tiveram ele como autor, cujo teor substancial, tanto político quanto jurídico, o credenciou como um dos mais nobres "pais da Pátria".

Em 1914, no Governo de Joaquim Ferreira Chaves, ocupou o lugar de Oficial de Gabinete. Kerginaldo teve forte ligação com os meios operários do Rio Grande do Norte, os quais constituíram a sua maior força eleitoral. Por isso, foi um dos fundadores do Partido Nacionalista do Rio Grande do Norte pelo qual foi eleito Deputado Estadual em 1917. Exerceu o cargo de Promotor Público em Natal no ano de 1919.

Kerginaldo também foi inspetor do Ensino Federal junto ao Atheneu Norte-riograndense, mudando-se em seguida para Fortaleza, onde passou a exercer a sua profissão de advogado e também o jornalismo. Na capital do Ceará, Kerginaldo dirigiu a "Gazeta de Notícias".

Fez parte do Instituto e da Ordem dos Advogados em Fortaleza e foi presidente da Associação de Imprensa do Estado do Ceará. Eleito por considerável quociente eleitoral, Kerginaldo Cavalcanti teve assento na representação federal pelo Rio Grande do Norte, cujo mandato desempenhou com operosidade e brilho, predicados inerentes à cultura do seu espírito formado e educado na escola moderna.

Como jornalista e escritor, Kerginaldo Cavalcanti emprestou à sua obra a inclinação mais evidente do seu espírito: a da permanente defesa dos valores da nossa nacionalidade. Inospitável, ainda, a sua acendrada vocação legalista, a fazer com que, já em 1930, colocasse a sua pena a serviço do candidato eleito para a Presidência da República, quando a maioria incensava a revolução vitoriosa.

Se é inegável que, como jurista, jornalista e escritor, Kerginaldo Cavalcanti deixou fecunda contribuição, o seu gênio mais se estereotipou na atividade parlamentar, onde, certamente, encontrou caminhos propícios às estradas grandiloquentes do seu enorme talento.

Djalma Maranhão UM LÍDER NACIONALISTA

Djalma Maranhão foi um político que se impunha pela palavra eloqüente e determinante. A exemplo de Kerginaldo Cavalcanti no Senado, o Rio Grande do Norte tinha um representante à altura na Câmara Federal. Ele defendeu, como pôde, as nossas riquezas naturais, atirando-se de corpo e alma na campanha "O Petróleo é Nosso", e outras de cunho nacionalista. Como bom brasileiro seu nacionalismo era de uma autenticidade a toda prova. Djalma era coerente, destemido. Sua coragem era reconhecida até pelos adversários políticos. No exercício do mandato de deputado federal, trouxe ao conhecimento da nação as falcatruas da Wa Chang e os grupos que controlavam a produção algoeíra no Nordeste.

Mas foi na luta pelo petróleo que mais se destacou nacionalmente. Ele foi um dos fundadores da Frente Nacional Nacionalista proferindo vários discursos na Câmara Federal, exaltando os ideais nacionalistas. Ele andou pelo país denunciando os "entreguistas". Em uma de suas passagens por Mossoró reuniu-se no Pavilhão Vitória para estudar com intelectuais e militantes esquerdistas o lançamento da campanha d'O Petróleo é nosso. O colega jornalista Dorian Jorge Freire, que o chamava de "jornalista feroz", registrou o encontro em sua coluna no Jornal Gazeta do Oeste: "Maranhão, prático, 100 quilos de patriotismo, disse: 'vamos fazer o comício aqui!' - 'Aqui?, todos perguntaram? Mas e o povo?' - 'O povo, junta logo, respondeu o Djalma que passou das palavras ao ato, denunciando os interesses que se uniam contra o nosso petróleo. Foi um sucesso!'"

Na sessão do dia 28 de outubro de 1960, Djalma Maranhão faz seu discurso pós-eleições exaltando o nacionalismo: "O nacionalismo ainda é um movimento, uma revolução em marcha, para se transformar no futuro, no mais poderoso Partido de toda a história do Brasil. Atualmente todos são nacionalistas. É um bom prenúncio. Ninguém tem mais audácia de considerar-se entreguista, como há anos



atrás na campanha do Petróleo é nosso. A polarização das forças se deslocando rapidamente para o nosso lado. É como se soprasse um vendaval. É o tufão nacionalista que vem da Ásia, das Américas e da África... Este vento já levou Sukarno, Nasser, Nheru, Fidel Castro e tantos outros ao Poder. Este vento se espria pelos quatro cantos da terra e agita as águas do Sete Mares. Ele também está presente no Brasil. O sangue nativista começa a borbular..." Com este discurso, Djalma Maranhão propôs uma criação de uma brigada para coordenar o sentimento nacionalista que empolgava a nação.

Descendente de políticos, Djalma Carvalho Sales de Albuquerque Maranhão foi o nosso mais autêntico líder populista. Na mocidade, atendeu ao chamado do Esporte - foi boxeador, professor de educação física do Atheneu, árbitro de futebol. Jornalista, favorecido pela eloqüência que veio do berço e a disposição de participar dos debates sociais, não foi difícil ser nomeado prefeito de Natal pelo governador Dinarte Mariz, na década de cinquenta. Candidato à reeleição, Djalma Maranhão recebeu vitória consagradora das Urnas. Dinarte dizia que ele tinha a alma de um general de Napoleão!

As suas duas seguidas Administrações na prefeitura natalense assinalaram um marco característico: o Povo teve participação direta e efetiva nas realizações. O Folclore teve vida ativa. O Prefeito conseguiu trazer Câmara Cascudo, o historiador da Cidade, para o centro dos eventos populares. A Cidade pelas suas representações sociais da elite, classe média e as populações periféricas se misturavam e partilhavam da festa cívica. "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler", foi o lema da Instrução Popular. Outros empreendimentos surgiram. Na Praça "Pedro Velho" ergueu-se o primeiro e grande Ginásio de Esporte da Capital.

Veio o golpe militar e com ele a perseguição ao velho "Caudilho" que foi exilado e morreu, no Uruguai, com muitas saudades de Natal.

VANGUARDEIROS A MOBILIZAÇÃO DOS ESTUDANTES NO PAÍS DEU MAIS VIGOR AO MOVIMENTO

E os estudantes foram à luta

Dado o sinal de partida para a campanha do petróleo pelo grupo de militares nacionalistas, ainda que ali mal se soubesse como ela se desdobraria ou onde chegaria, e sequer houvesse um plano estruturado, os estudantes entraram na briga. Os maiores e mais engajados centros acadêmicos do país, como o hoje centenário "XI de Agosto", da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no centro histórico da cidade, entrariam de cabeça no movimento, promovendo conferências, comícios, elaborando volantes, panfletos, manifestos ao povo de cada cidade em que estavam instalados e, não raro, driblando a polícia para escapar da repressão às manifestações.

Ainda em 1947, o XI, como foi e é chamado, convocava o "povo de São Paulo" a aderir ao movimento. Os estudantes paulistas dão um caráter visual mais concreto à campanha montando, ainda nesse ano, a réplica de uma torre de petróleo em madeira no largo de São Francisco e, instigados pela União Nacional dos Estudantes (UNE), outros estudantes, em vários pontos do país, fariam a mesma coisa.

A partir daí, intelectuais e militares se juntaram aos estudantes e fundaram o Centro de Estudos e Debates de Defesa do Petróleo (CEDP), que começou a funcionar na sede da UNE, no Rio de Janeiro. Em abril de 1948, a entidade lan-

çou o primeiro manifesto de defesa das reservas nacionais e a campanha "O petróleo é nosso" ganhou as ruas. Mais tarde, os integrantes passaram a agir articulados com o Centro, unificando, inclusive, suas diretorias nos demais estados.

"Os estudantes, vanguardeiros das grandes causas nacionais", diz Maria Augusta Tibiriçá Miranda, em seu livro "O petróleo é nosso - A luta contra o 'entreguismo', pelo monopólio estatal" (Editora Vozes, p. 35), "reconquistaram a praça pública naquele período de cerceamento das liberdades democráticas. E lançaram um brado que se constituiu no lema central da campanha: O petróleo é nosso!".

Em abril de 48, o CEDP, juntamente com a UNE, promoveu uma "Semana do Petróleo", na qual não faltaram discursos e demonstrações inflamadas. Em junho, veio o "Mês do Petróleo": a campanha se alastrava por todo o território nacional. No mês de outubro desse ano, mais um momento marcante: a I Convenção Nacional de Defesa do Petróleo, que aconteceu de 18 a 21 de outubro, em Brasília. Presidida pelo ex-presidente Arthur Bernardes, o encontro teve suas sessões dirigidas pelos generais Horta Barbosa, Leitão de Carvalho, Raimundo Sampaio e pelo jornalista Matos Pimenta.

Delegações de 19 estados estiveram presentes à Convenção, que culminou com a elaboração da Lei de Defesa do Petróleo, que seria en-



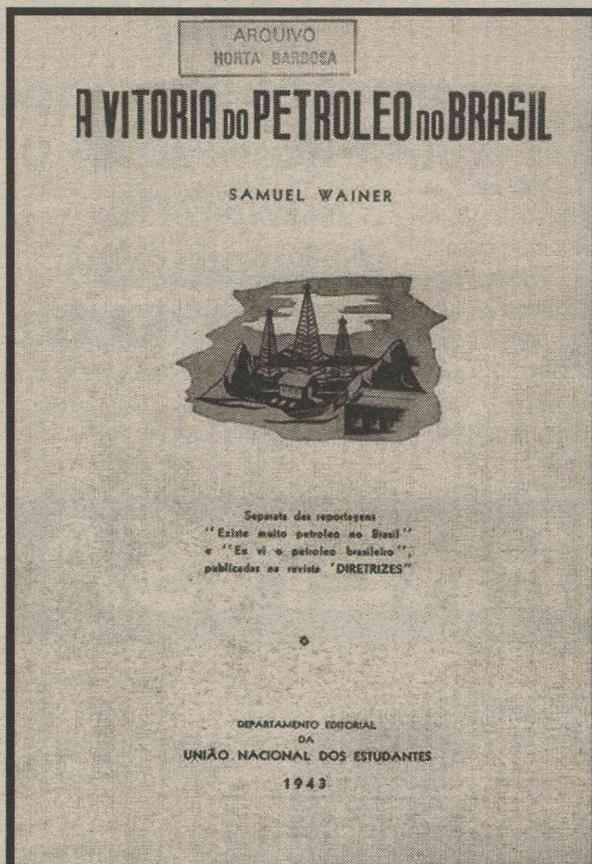
Torre de petróleo, simbólica, instalada pela UNE no Rio, em 1947: estudantes foram agentes ativos

viada ao Congresso. O Rio Grande do Norte foi representado pelo jornalista Djalma Maranhão, companheiro de honra do Centro Estudantil de Defesa do Petróleo Potiguar, tendo como presidente Guaraci Queiroz.

Logo a liderança da UNE na mobilização popular tornou-se tão indiscutível que,

pouco mais de um ano depois, entre as cinco resoluções da Convenção, apresentadas ao "Povo Brasileiro" em 28 de outubro seguinte, se inclui esta: "A Convenção Nacional resolveu, por aclamação, considerar pioneira da campanha a União Nacional dos Estudantes".

Participação potiguar



Capa de "A vitória do Petróleo no Brasil", 1943. Separata de reportagens da revista Diretrizes, publicada pelo Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes.



O Centro XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, entrou na campanha pelo monopólio nacional do petróleo em 1947

Logo após o processo de redemocratização do país, em 1945, a juventude começou a participar das lutas políticas que se desenvolviam no Rio Grande do Norte. No bojo destas disputas surgiu a campanha pela nacionalização do petróleo e a independência da economia nacional.

Em Natal, o Centro Estudantil Potiguar, que agregava estudantes de todas as facções políticas, foi um núcleo de todas essas atividades, como conta o escritor João Batista Pinto, um participante fervoroso da campanha "O petróleo é nosso". Segundo ele, unidos em torno dessas lutas, foi criado o Centro Estudantil de Defesa do Petróleo, com forma legalizada e remessa de ofícios ao Governo do Estado e à Assembléia Legislativa.

Djalma Maranhão foi o responsável pela filiação do Centro Potiguar ao Centro Nacional, culminando na ultrapassagem de fronteiras pelos estudantes, levando seu grito de entusiasmo e combate nesta incessante luta, como enfatizou o editorial do jornal potiguar "O Estudante", na sua edição de estréia após um longo período de recesso, em 22 de novembro de 1948. "E, no sentido nacional, deve ser a classe estudantil uma vigilante,



Posse da diretoria do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Atrás do microfone, o General Horta Barbosa

junto com o povo, porque dela nascerá o futuro, e dentro da organização faremos o Brasil sadio e livre de amanhã", consta.

De acordo com Batista Pinto, que integrava as diretorias do Centro Estudantil de Defesa do Petróleo e de "O Estudante", a campanha realizada no Estado seguia a orientação de dois generais nacionalistas: Felicíssimo Cardoso e Espírito Santo Cardoso, além do coronel Carnaúba e do jornalista Matos Pimenta, diretor de "O Jornal de Debates". "A ferrenha campanha anti-comunista, provavelmente, inibiu muitas ade-

sões, quando na realidade o que estava em jogo era a autonomia nacional, como também a luta pelas riquezas do subsolo. Foi um belo momento da vida nacional", ressalta.

Na opinião de João Batista, a única certeza que os nacionalistas tinham era a industrialização emergente do país necessitava do seu próprio combustível para crescer com independência. "Todos os estudantes participantes desta campanha eram vibrantes. Estavam integrados a uma só consciência: lutar por um Brasil melhor e menos pobre".



No XIV Congresso da UNE (julho de 1951) vence a chapa apoiada pela União Metropolitana dos Estudantes (SP), presidida por Paulo Egídio Martins (3º da esq. para a dir.)

O papel

ATUANTE
APESAR DO BOICOTE DA
GRANDE IMPRENSA, O
MOVIMENTO
SOBREVIVEU NOS
JORNAIS ALTERNATIVOS

DA IMPRENSA

A campanha do petróleo não teve muito apoio da grande imprensa. Nem do rádio. A televisão no Brasil sequer existia quando se começou a ouvir insistentemente "O petróleo é nosso!". E, incipiente ainda a TV, sendo luxo de pouquíssimos os aparelhos receptores às vésperas do acordo parlamentar que finalmente resultou na lei de criação da Petrobras, em 1953. Mesmo assim, não tiveram peso efetivo sobre a opinião pública do país as raras cenas de discussões entre partidários e opositores do monopólio estatal do petróleo que a TV Tupi levou ao ar.

Como, então, foi possível disseminar por um país enorme, com ligações precárias ainda entre suas regiões, as palavras de ordem a favor do monopólio estatal? Que elas foram extraordinariamente difundidas, não deixa dúvidas o depoimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek, que não era um fervoroso defensor da tese do monopólio. Na época de sua campanha eleitoral, ele relatou ter visto o slogan "O petróleo é nosso" cravado até na última porteira da última fazenda do mais longínquo ponto do território nacional.

Além disso, no início da campanha, todos os jornais se posicionaram a favor da tese de Juarez Távora, com algumas nuances e com publicidades da Standard Oil, que garantiam parte do sustento da maioria dos jornais. No depoimento de Batista Pinto, os "entreguistas" tinham forte representação na grande imprensa, particularmente a cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e, em consonância com o mundo empresarial, os banqueiros e os grandes comerciantes defendiam abertamente a presença do capital externo na exploração do petróleo.

Dessa forma, bloqueados pelos meios de comunicação, os "nacionalistas" saíram em busca do apoio popular. "Eles foram às ruas apelar

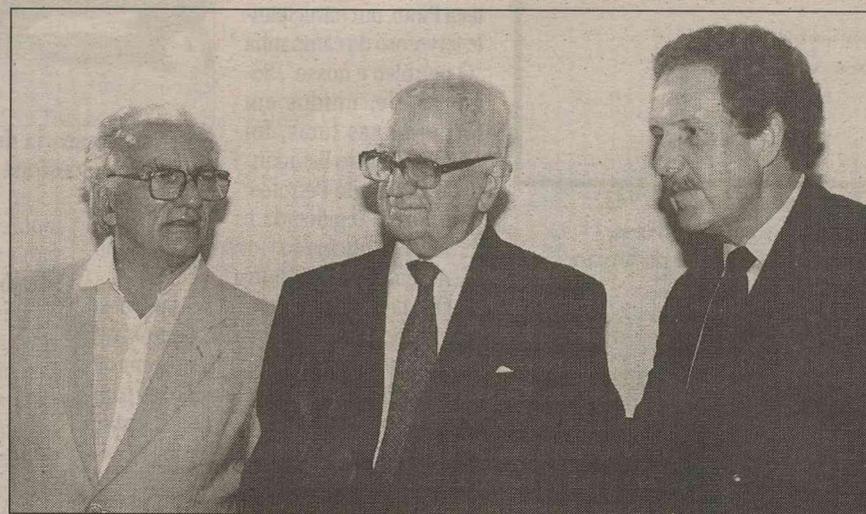
em comícios, largamente apoiados pelos comunistas", frisou, acrescentando que o grupo dos nacionalistas também conseguiram o importante apoio de Orlando Dantas, do "Diário de Notícias". "E este foi o órgão número um da grande imprensa a favor do monopólio estatal", destaca Batista Pinto, ressaltando ainda o semanário nacionalista carioca "Jornal de Debates", de Matos Pimenta, que levou a discussão às ruas e tinha suas edições sempre esgotadas.

Outros dois veículos que levaram ao público mensagens da luta a favor da Petrobras e do monopólio, principalmente na segunda fase da campanha, após a criação da Petrobras, foram o "Jornal do Partido Comunista" e "O Semanário", onde escrevia candentes artigos o jornalista Gondim da Fonseca.

BARBOSA LIMA SOBRINHO

A história da Petrobras tem muita participação do jornalista Barbosa Lima Sobrinho, uma vez que a estatal nasceu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), instituição presidida por ele e que em 2008 completará cem anos. Barbosa foi um dos mais importantes brasileiros do século XX. Fez um importante trabalho para esclarecimento da opinião pública em sua coluna no "Jornal do Brasil", um órgão de prestígio da imprensa brasileira.

Seus artigos não podiam ser contestados, salvo aqueles que tinham uma índole entreguista e trabalhavam contra os interesses brasileiros, no entanto ele não limitou seu trabalho na imprensa. Certo dia, em viagem a Brasília - para onde ia sempre para defender os interesses brasileiros junto aos parlamentares -, Barbosa Lima Sobrinho entrou na Assembléia Constituinte levando nas mãos uma faixa com os dizeres "O petróleo é nosso", sendo aplaudido por todos os deputados e senadores. A faixa foi colocada em frente a mesa e virou manchete nos principais jornais do país.



Jornalista Barbosa Lima Sobrinho, ao centro

Jornalismo potiguar

Exemplo de outros estados do país, a grande imprensa do Rio Grande do Norte também era comprometida com a chamada "Sete Irmãs", mas alguns jornalistas como Ubirajara Macedo, em Natal, Dorian Jorge Freire, em Mossoró, e o sindicalista e depois deputado estadual Floriano Bezerra, em Macau, levantaram a bandeira da luta pelo monopólio do petróleo.

Além de sua marcante participação na Câmara Federal, o deputado e jornalista Djalma Maranhão, que fazia parte da Frente Parlamentar Nacionalista, abriu as páginas de seus jornais para matérias favoráveis ao monopólio estatal do petróleo: o matutino "Jornal de Natal" e o vespertino "Folha da Tarde", que circulavam diariamente em Natal.

E foi na "Folha" que Ubirajara Macedo iniciou uma série de crônicas em sua "Coluna Nacionalista", que criticava a internacionalização das riquezas e defendia o movimento nacionalista, exaltando e convidando as clas-

ses populares e a sociedade civil a defenderem o petróleo. "Vejam bem como os jornalistas sofreram naquela época, inclusive não apenas do RN, mas de todo o país, quando nos chamavam de vigaristas. Mas quem era o vigarista: éramos nós que defendíamos as nossas riquezas ou os 'entreguistas' que se vendiam às 'sete irmãs'?", questiona o jornalista.

Os jornais "O Estudante" e "Expressão" também faziam parte do lado da imprensa nacionalista. Suas diretorias eram formadas por jovens estudantes secundaristas que possuíam uma visão bastante ampla do que estava ocorrendo no Brasil, como Guaracy Queiroz, Ticiano Duarte, João Batista Pinto, Lenine Pinto, Aldevandro Veras, entre outros, que, além de redigir notícias, publicavam artigos e poesias com fortes apelos sociais.

"O Estudante" era um periódico - embora sem periodicidade - que circulou em Natal no início dos anos 30, e foi "um órgão da mocidade livre, livre de grupos e de partidatismo individual", como consta em sua apresen-

tação de reestria, em 22 de novembro de 1948. Seu retorno foi provavelmente incentivado pela campanha do petróleo. No editorial "Um apelo à mocidade do Rio G. do Norte", o tabloide conclama aos jovens com convicção ao ingresso na luta: "Vamos, mocidade, alerta! Quer decepcionar o moço Lobato? (...) Vamos, mocidade, lutar pelo petróleo!"

Já "Expressão" surgiu em meados da década de 1940. Em 22 de março de 1949, após um período de recesso, publica sua edição de estreia, reafirmando "sua decisão de continuar intransigentemente a serviço dos estudantes potiguares".

Já no interior do Estado, segundo o escritor Mery Medeiros, a cidade de Macau também foi um grande baluarte nessa luta da imprensa em favor do petróleo. Habitado por marítimos e trabalhadores na extração do sal, o município tinha o jornal "Nacionalista", editado pelo ex-deputado Floriano Bezerra, que noticiava e publicava artigos em defesa do petróleo.

BARBOSA LIMA SOBRINHO, CIDADÃO DO BRASIL

PERFIL

“A Petrobras foi fundada pela opinião pública. Se não houvesse uma empresa pública para encontrar petróleo nunca iríamos chegar nessa posição que estamos hoje, uma vez que os estrangeiros eram os primeiros a dizer que não havia petróleo no Brasil nos relatórios encomendados pelo próprio governo. Nos relatórios nos aconselhavam a buscar petróleo na Angola e Bolívia. A Petrobras demonstrou que o relatório era falso e ia de encontro aos interesses brasileiros. Graças a Petrobras alcançamos esta posição que temos hoje sobre o petróleo, não só nas pesquisas como na criação de um capital humano em que há mais de 600 geólogos num país que tinha apenas meia dúzia. Conseguimos encontrar várias refinarias de petróleo que foi uma salvação para a conquista e produção de petróleo enquanto os es-

trangeiros só nos davam desencanto, desânimo e decepção com os relatórios que apresentavam. A morte de Getúlio Vargas foi um dia profundamente triste para mim, eu achava que ele era uma instituição pública. Em conversa com um amigo sobre a situação política do país, ele me perguntou qual seria a solução eu disse que o suicídio de Getúlio Vargas era uma alternativa. Ele não concordou comigo, mas poucas horas depois recebemos a notícia do suicídio de Vargas. No fim das contas a atitude dele foi a solução política, evitou que os reacionários voltassem ao governo. O suicídio foi a atitude que o presidente encontrou para defender o programa nacionalista”.

Depoimento extraído do DVD Barbosa Lima Sobrinho - Cidadão do Brasil



Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho era advogado, jornalista, ensaísta, historiador, professor e político. Nasceu em Recife/PE, no ano de 1897 e morreu em 16 de julho de 2000. Eleito em 28 de abril de 1937 para a Cadeira n. 6 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Goulart de Andrade, foi recebido em 13 de janeiro de 1938, pelo acadêmico Múcio Leão. Em 1953, quando Getúlio Vargas cria a Petrobras, Barbosa Lima está na presidência da Associação Brasileira de Imprensa.

Com o aparecimento do seu primeiro número, no corrente ano, “EXPRESSÃO” reafirma sua decisão de continuar intransigentemente a serviço dos estudantes potiguares

Macáú Regrêde!

José Fagundes de Menezes

É triste, é dolorosa, é tudo na quasi totalidade revoltante e é por fim inconcebível a intenção dos homens que estão estribados no governo, vendo com os seus próprios olhos a situação em que se encontra o Cemitério de Macáú. — E por que estou escrevendo assim, não revolvendo a memória?

— Ontem, em conversa com dois colegas do Ateneu, sofri uma grande decepção, como macaúense que sou — o que não negaria, não posso nem negar. Pelo contrário. Sim, não sinto uma satisfação imensa quando afirmo aos amigos e colegas macaúenses e a minha presença ninguém fala de Macáú e eu também falei. Continuo falando. E se não houver solução para o Cemitério de Macáú, para o que a maioria dos meus conterrâneos pede, continuarei falando, com mais vontade de observar e criticar os que nada fazem.

— Estávamos falando sobre as salinas de Macáú. — Já maravilha! Sobre o povo de Macáú; sobre o pescador de Macáú; sobre as meninas de Macáú. Tudo muito bem. — E depois eu não sei como o “bate-papo” mudou de tom: O Cemitério de Macáú. Foi no instante tão triste, deses que eu jamais esquecerei. E as interrogações, as mais cruéis. — Em Macáú há, Câmara Municipal? Há 1 Ha Prefeitura? Há, velho! (responde sorrindo pra não cair de vergonha) Há Prefeitura? Há se há Prefeitura, por que então não temos um Prefeito? Diga-me uma coisa Fagundes, perguntou-me o mais inteligente dos dois, ou talvez dos três, em Macáú — esta é a última pergunta, existe oposição? — Existe! Talvez a mais rebelde do Estado. E como é que deixam o Cemitério assim! Que falta de zelo pela sua terra, essa dos seus conterrâneos!

Depois sai encabulando e pensando acinzeirado e com uma objetiva-

EXPRESSÃO

Orgão de Cultura e Combate

Diretores responsáveis: TÍCIANO DUARTE, JOSÉ FAGUNDES DE MENEZES, GILBERTO AVELINO E ADERBAL MORELLI.
Gerente: EPITÁCIO L. A. DE ANDRADE

ANO II — Natal, 22 de Março de 1949 — Número 7

Valério Konder

Guaracy Queiroz de OLIVEIRA

— Não falo do homem, e de de conhecedoríssimo dos seus pensamentos, fundo do assunto e das idéias propagadas por aqueles sociais do nosso povo, analisando, ligira-porem, detalhadamente os seus pontos de vista. — Outras porque não sa-que se todos os pescado-tes, estivadores, barcaceiros, homens que trabalham

— Não falo do homem, e de de conhecedoríssimo dos seus pensamentos, fundo do assunto e das idéias propagadas por aqueles sociais do nosso povo, analisando, ligira-porem, detalhadamente os seus pontos de vista. — Outras porque não sa-que se todos os pescado-tes, estivadores, barcaceiros, homens que trabalham

— Não falo do homem, e de de conhecedoríssimo dos seus pensamentos, fundo do assunto e das idéias propagadas por aqueles sociais do nosso povo, analisando, ligira-porem, detalhadamente os seus pontos de vista. — Outras porque não sa-que se todos os pescado-tes, estivadores, barcaceiros, homens que trabalham

Rápida explicação

Ticiano DUARTE

Depois de quatro meses de paralisação, motivados pelas férias, “Expressão” prepara suas páginas sob o lema: “Um jornal da mocidade, da gente novo do Rio Grande do Norte, falando com um entusiasmo fervoroso, entusiasmo esse peculiar da mocidade brasileira.”

Nesse reaparecimento, “Expressão” tem uma nova feição, um novo itinerário. — Orgão de cultura e combate, com páginas literárias e políticas. Nossa contribuição literária é especialmente de cunho modernista. Temos a intenção de ajudar a Revolução literária que está sendo executada dentro do país. Os romântismos pléguas ficam de lado, ajudaremos pela palavra escrita o trabalho de renovação que está sendo realizado, pelas inteligências mais expressivas de norte a sul do Brasil.

As páginas políticas não retemem orientação, nem obedecem programas de partidos, políticos, são completamente livres. Aqui discutiremos os nossos problemas vitais. Abriremos os olhos e a-lerteremos as consciências dos governantes. Combateremos a exploração das nossas fontes de riquezas por companhias estrangeiras. Estaremos prontos para fazer de “Expressão”, uma arma contra os opressores, um defensor dos oprimidos. Não nos aprofundaremos da liberdade de imprensa, para alcançar a moral dos homens públicos.

— “Jamais as colunas dos jornais devem ser veículo de difamação”, disse alguém, e disse muito bem. Nosso periódico, quando se fizer mister, usará do ataque, em sua própria defesa. — Esse é o nosso lema! Essa é a nossa convicção.

— “Jamais as colunas dos jornais devem ser veículo de difamação”, disse alguém, e disse muito bem. Nosso periódico, quando se fizer mister, usará do ataque, em sua própria defesa. — Esse é o nosso lema! Essa é a nossa convicção.

Os jornais alternativos eram editados por estudantes e vanguardistas. “Expressão” era dirigido por: Ticiano Duarte, José Fagundes de Menezes, Gilberto Avelino, Aderbal Morelli e Epitácio de Andrade. “O Estudante” era dirigido por: Aluísio Furtado de Mendonça, Guaracy Queiroz de Oliveira, João Batista de Melo Pinto, Aldo-vrando Veras e Francis-co Chagas

O ESTUDANTE

ORGÃO DA CLASSE ESTUDANTINA

ANO IV | Natal, 22 de Novembro de 1948 | NUM. 22

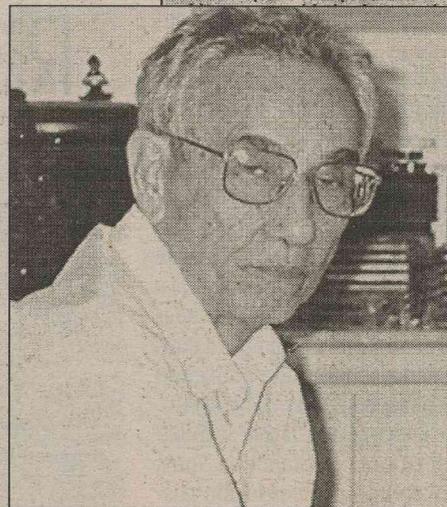
Um apelo á mocidade do Rio G. do Norte

Vamos, mocidade, alerta! Quer decepcionar o moço Lobato? Paciência... Ontem um amigo nos falou do apelo á União Nacional dos Estudantes, feito pela mocidade paraguaia que sofre, nos campos de concentração, o dispotismo de um discípulo de Franco, Natalicio González lez, «presidente» do país guaraní. E nós? Que faremos nós? Continuaremos a fazer literatura para os literatos? Continuaremos na inercia? Não. Creemos em nós mesmos. Se Lincoln fosse vivo e literato talvez hoje pedisse literatura do povo, pelo povo e para o povo. Vamos, mocidade, não nos decepcionemos a nós mesmos. A classe deve ficar coesa, patriótica, reclamando a liberdade para os irmãos de Espanha e Paraguai; Liberdade com L grande, Mocidade, vamos, há muita fome, desespero nos becos, Muito esquecimento pelos campos, muita dor no mundo.

Nota da Redaçã
Por motivo de falta de espaço, deixa ser publicado neste número o artigo do jovem Ticiano Duarte, intitulado «Aos moços parenses» por nós soltado.

Assim, sendo, ao legua, as nossas desculpas.
ce que já ouço o gromos, vamos com onda de desespero. Alerta! Façamos ao sincero.

Edição de h
!! Bravo!!! Pare-



O escritor Batista Pinto tinha nos jornais alternativos uma saída para defender o monopólio

DEPOIMENTOS

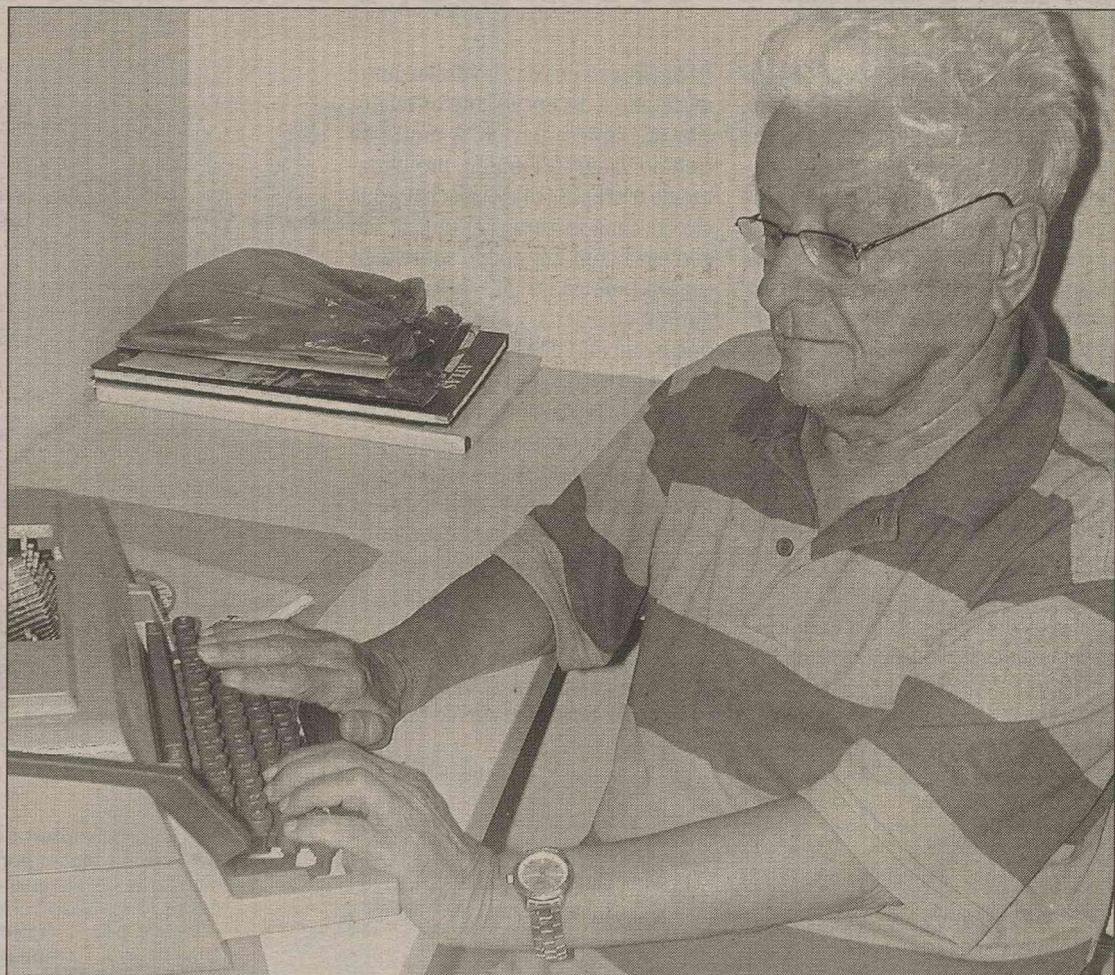
“**Q**uero dizer que me sinto muito honrado ter pertencido à Campanha do Petróleo é Nosso. Eram brasileiros dignos, homens que nunca se venderam, que sempre mantiveram a sua coerência nacionalista, tanto no setor nacional quanto estadual. Hoje, com 87 anos, sinto-me recompensado pela luta que travamos, com o povo na rua, com o povo protestando contra os jornais que se vendiam às famosas "sete irmãs", que tanto mal fizeram a toda humanidade porque queriam tomar conta do petróleo mundial e que ainda hoje querem, haja vista o que acontece no Iraque, quando Estados Unidos e Inglaterra sempre desejaram o petróleo iraquiano. Isso mostra que nação nenhuma pode invadir outra ofendendo à sua soberania. A Petrobrás continua sendo o último bastião da nossa soberania. A luta foi grande e trouxe muito sofrimento a quem defendia a soberania do país. Fomos ameaçados pela classe dominante da época. O que houve é que brasileiros que considerávamos nacionalistas demonstraram o contrário, como por exemplo, o dono da TV Globo, Roberto Marinho, que defendia com "unhas e dentes" a escravidão do Brasil, no que diz respeito à nossa soberania. Em contrapartida, tínhamos figuras como Eusébio Rocha, Barbosa Lima Sobrinho, Gabriel Passos, Kerginaldo Cavalcanti que batia com Assis Chateaubriand, identificado como um dos maiores entreguistas do país.

Kerginaldo Cavalcanti não era homem de direita nem tampouco de esquerda, era conservador, mas firme em suas convicções, convicto, mantendo a linha de coerência e honestidade. Ele se destacou muito no Senado por sua posição em favor da criação da Petrobrás, o que faz os norte-rio-grandenses se orgulharem muito dele.

Os políticos da época da campanha O Petróleo é Nosso são diferentes de hoje.

Atualmente, nossos políticos só pensam neles, legislam em causa própria, com raras exceções, penso até que se fosse hoje, a campanha não teria obtido o mesmo sucesso, tal é o grau de comprometimento da classe política. Mas acredito que nossa população está aprendendo a votar, não é possível que esses canhas que não pensam no povo continuem nos explorando e dizendo que está ao lado do povo brasileiro.

Até pouco tempo, falava-se muito em refinaria no Rio Grande do Norte, mas o assunto não conseguiu pas-



sar as fronteiras estaduais e até aqui mesmo o barulho foi tão pouco que também pouco se ouviu. Faltou uma campanha pelo menos parecida com esta que participei. Uma coisa, no entanto, não podemos esquecer: a refinaria não veio, mas a Petrobras tem feito muitos benefícios no RN. Além de ser a maior empregadora no estado, ela faz trabalhos sociais, boas creches, escolas, programas culturais. Eu sou um admirador da Petrobrás, mas devo dizer que tudo que a Petrobras fizer em matéria de investimento no RN, ainda é pouco. Porque nós somos o segundo maior produ-

tor de petróleo do Brasil e, em contrapartida, somos um dos estados mais pobres da federação, uma contradição difícil de explicar.

No entanto, pior seria se tivéssemos doado nossas riquezas às "sete irmãs" porque praticamente todos os países onde atuam, estes continuam paupérrimos, como é o caso da Nigéria. Se o nosso petróleo estivesse com as multinacionais, nem os municípios ou mesmo os proprietários de terras com petróleo, receberiam royalties, exemplo dos outros países. Certamente isto estaria fora da Constituição ou sequer teria entrado.

Portanto, esta luta toda valeu à pena porque, entre todos esses motivos, hoje o Brasil passa pela satisfação de ter se tornado auto-suficiente em petróleo. Este ano, a proposta da Petrobrás é aumentar dois ou três milhões de barris a mais produzidos. A Petrobrás está lutando com todos os meios, para quando este petróleo vier a faltar, nós tenhamos outro meio. É isso que nos anima. E o que, nós brasileiros, devemos ter em mente é que a Petrobrás não está cuidando só do petróleo, está buscando outras formas alternativas para promover o crescimento energético do país".

PERFIL

Raimundo Ubirajara Macedo nasceu em Macaíba e tem 87 anos. Trabalhou como jornalista em todos os jornais de Natal - "A República", "Tribuna do Norte", "Folha da Tarde" e "Diário de Natal", além das emissoras de rádio "Cabugi" e "Nordeste".

Em São Paulo, para onde foi em 1966 como funcionário dos Correios e Telégrafos, fez parte da redação da "Folha de São Paulo", em um suplemento quinzenal, dirigido pelo potiguar Calazans Fernandes e com vários norte-rio-grandenses na equipe, entre eles, Jaime Dantas e Gaudêncio Torquato. Também pertenceu aos quadros jornalísticos da Rádio Piratininga, depois fechada

pelo regime militar. Na equipe de Calazans Fernandes trabalhava o jornalista português, Manoel Chaparro que levou Bira para a "Folha". Chaparro tinha sido diretor aqui em Natal do jornal "A Ordem".

Aposentado dos Correios voltou para Natal e aqui se associou ao jornalista Carlos Lima e editaram a revista Cadernos do Rio Grande do Norte e, mais tarde, o jornal "Folha dos Municípios".

Aceitou um convite do jornalista Luiz Maria Alves e prestou seus serviços profissionais ao Diário de Natal por cerca de 17 anos, onde se aposentou como jornalista. Foi presidente da Cooperativa de Jornalistas do RN por dois períodos seguidos. Hoje, não tem mais vínculo profissional com nenhum órgão jornalístico, mas sempre escreve matérias de cunho político-ideológico.

“Portanto, esta luta toda valeu à pena porque, entre todos esses motivos, hoje o Brasil passa pela satisfação de ter se tornado auto-suficiente em petróleo”

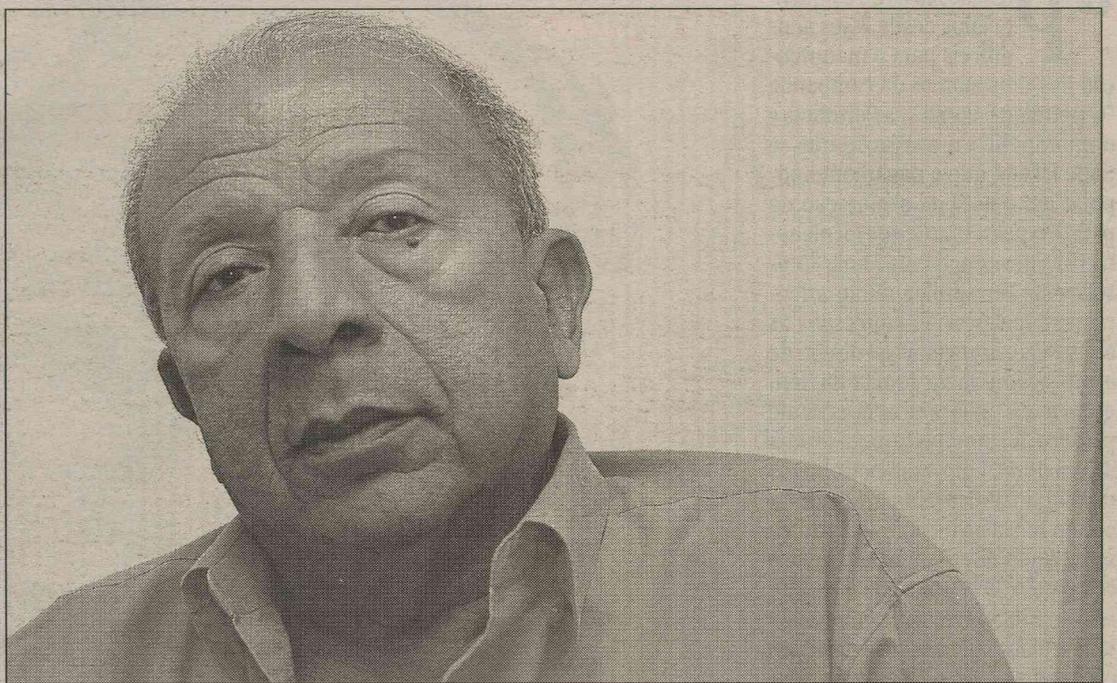
OPINIÃO**MERY MEDEIROS***

“**A** Campanha O Petróleo é Nosso, a exemplo de outros estados do país, conseguiu mobilizar toda a sociedade natalense. A classe política, militares, classe operária, imprensa, estudantes e até os grupos folclóricos se engajaram nessa campanha no Rio Grande do Norte que teve na liderança importantes nomes, como o do senador Kerginal Cavalcanti no Senado, o deputado Djalma Maranhão com seus discursos nacionalistas na Câmara Federal e os deputados estaduais Floriano Bezerra e Luiz Maranhão Filho. Djalma Maranhão foi, inclusive, um dos fundadores da Frente Nacionalista proferindo importantes discursos na Câmara Federal. Se hoje o Brasil se proclama auto-suficiente em petróleo, tudo começou com essa grande luta de massa do povo brasileiro.

Quero ressaltar a importante participação das comunidades e entidades de bairro, onde a própria administração de Djalma Maranhão, na Prefeitura de Natal, foi fundamental porque disseminou a cultura nos bairros da cidade. Nas Rocas, por exemplo, um bairro essencialmente operário que sempre foi de vanguarda, foram criados vários comitês nacionalistas. Ali se destacaram nomes como de Luiz Raimundo, do ex-vereador e gráfico Álvaro Augusto e o Pr. Machado que tinha uma capacidade intelectual extraordinária de arrebatar gente e apelos da comunidade para a formação dos comitês de periferia. Participavam lideranças evangélicas e católicas, líderes comunitários. Os comitês faziam festas, bingos e quermesses para angariar dinheiro para desenvolver a luta em torno da campanha de acordo com a vocação

de cada bairro, uns faziam apresentação folclóricas de fandango, chegança, o Araruna, de Danças Antigas e Semidesaparecidas.

Sobre as Rocas ainda tenho que ressaltar um episódio, envolvendo o sr. João de Moraes Galvão que morava na rua Expedicionário José varela. Ele mobilizou algumas pessoas ligadas à célula do Partido Comunista Brasileiro e foram fazer uma pichação numa parede estratégica do Forte dos Reis Magos, com os dizeres "O Petróleo é Nosso". Eles foram até o forte de canoa, aproveitando a maré seca, mas, quando terminaram a "operação pichação" tiveram mesmo que voltar a nado, enfrentando a braçadas a maré que já estava alta e as fortes ondas tinham levado pra longe a canoa. Esse caso demonstra o amor exacerbado do povo potiguar à causa do petróleo”.

**PERFIL**

MERY MEDEIROS DA SILVA, nasceu em 10 de janeiro de 1943, em Rego Moleiro distrito do Município de São Gonçalo do Amarante-RN. Iniciou o estudo das primeiras letras, com o mestre escola Dr. João Soares de Araújo, magistrado aposentado, poeta de brilhante inspiração, continuando

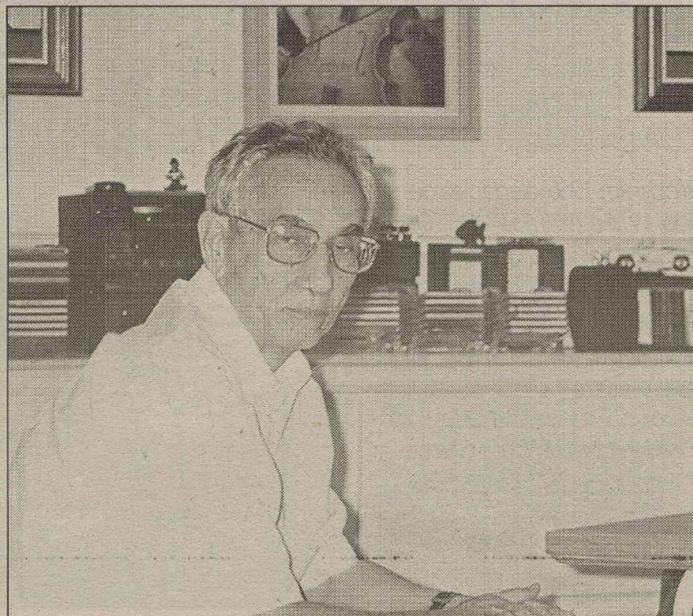
os seus estudos, no Atheneu Norte Riograndense. Iniciou sua militância política no movimento estudantil, contando hoje com 40 anos de atividade política.

Aos 64 anos de idade, mantém um ritmo incansável no campo social e cultural. Poeta e Pesquisador Social, seu último lançamento foi "Lições de Democracia e Cidadania", uma coletânea de artigos publicados na

imprensa potiguar. É presidente da associação de anistiados políticos do RN, em seu terceiro mandato, sócio fundador da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN, SPVA-RN, membro do Conselho Estadual de Direitos Humanos do RN, tem realizado debates, na rede estadual de ensino, como também na UFRN, sobre o resgate, e a preservação da memória histórica, e cultural do nosso povo.

OPINIÃO**JOÃO BATISTA PINTO***

“**A** minha participação na campanha 'O petróleo é nosso' foi ativa. Era estudante secundarista e, como simples estudantes secundários, dávamos o nosso recado. Não tínhamos outras vinculações, muito embora fizéssemos videntes ao Governo e à Assembléia Legislativa que tínhamos fundado uma entidade de classe em defesa da nacionalização do petróleo. Havia, certamente, o interesse estrangeiro em esconder a existência de petróleo no nosso subsolo. Quero crer que fosse uma faceta geopolítica com objetivos excusos. Passados quase sessenta anos, acredito que todos os participantes dessa luta, vivos ou mortos, plantaram a sua semente, a árvore floresceu, deu os seus frutos e deles jorrou o ouro negro que alimenta milhões de brasileiros”.

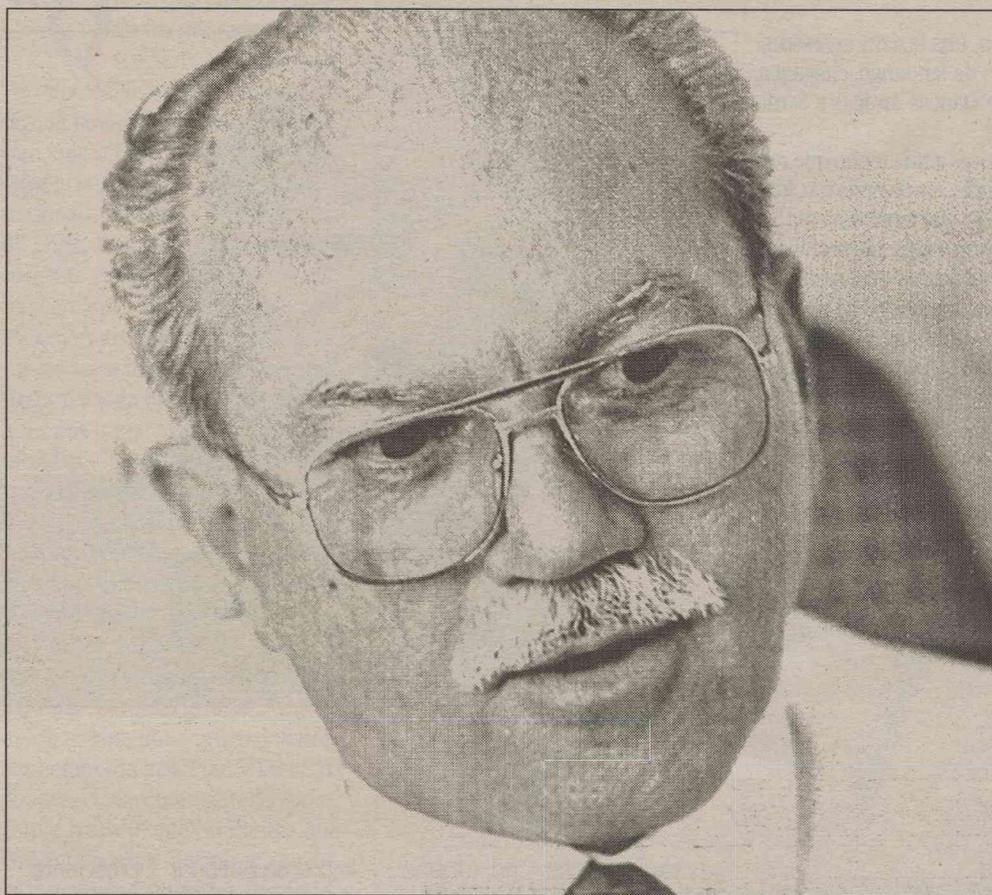
**PERFIL**

Nascido em Natal no ano de 1927, João Batista Pinto iniciou suas atividades literárias em 1947, ao se integrar aos movimentos políticos através do Centro Estudantil Potiguar. Foi colaborador e incentivador entusiasta da revista Letras e contribuiu para o jornal "O Estudante", exercendo as atividades de Secretário e redator. Sempre dedicado à literatura de um modo geral, adquiriu uma ampla e profunda cultura, tendo publicado vários artigos em livros, suplementos literários, jornais e revistas de Natal e Pernambuco. João também é autor de um livro de poesias, "A Ponte e o Rio" (Editora Livro Rápido, Olinda/PE, 2006), reunindo poemas produzidos ao longo de sua vida. Mora em Recife/PE desde 1954 e é graduado em História Natural e Mestre em Microbiologia do Solo.

OPINIÃO

JOSÉ DANIEL DINIZ *

“Passados mais de cinquenta anos desde esses anos difíceis para a manutenção dos dois marcos da campanha “O petróleo é nosso” - a Petrobras e o monopólio - a avaliação que se pode fazer é que o movimento popular em defesa da exploração do petróleo pelos brasileiros foi plenamente vitorioso. O país é hoje auto-suficiente em petróleo, muito embora os defensores da concessão às empresas estrangeiras do direito de exploração e lavra proclamassem que o Brasil tinha poucas reservas de petróleo. A Petrobras tornou-se uma das maiores empresas petrolíferas do mundo. Provavelmente, a situação do Brasil no tocante ao petróleo seria muito diferente se não fosse a campanha “O Petróleo é Nosso”. Por isso, merecem ser reverenciados todos quantos deram sua contribuição para esta causa. Desde Monteiro Lobato, um dos pioneiros na luta pela nacionalização do petróleo, os sindicalistas e trabalhadores, os estudantes, os militares, dentre os quais cabe destacar o general Horta Barbosa e o almirante Álvaro Alberto, bem como os congressistas da frente nacionalista, onde ocupou lugar de destaque o senador potiguar Kerginaldo Cavalcanti, apelidado pelos adversários de “senador tupiniquim”. Isso sem falar



PERFIL

José Daniel Diniz é advogado, professor aposentado de Direito Tributário (UFRN), foi secretário da Fazenda do Rio Grande do Norte e é ex-presidente do Bandern.

no Partido Comunista Brasileiro que sempre esteve na vanguarda da campanha, em posição de liderança. Todos eles merecem nossa homenagem,

pois combateram com energia e determinação dando o melhor de seu talento e o máximo de sua dedicação em prol de um movimento que

não nasceu nas elites, mas nas camadas populares, e acabou se transformando em grande vitória do povo brasileiro”.

OPINIÃO

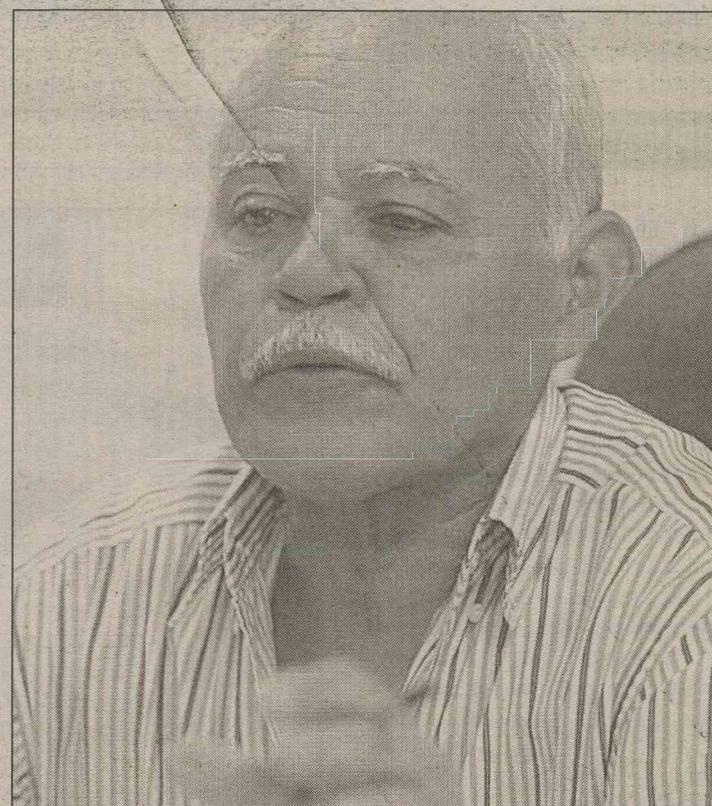
ROBERTO BRANDÃO FURTADO*

“Estudante, participando da direção de entidades estudantis, integrei-me às manifestações realizadas em Natal em defesa de nossas reservas petrolíferas. Se muitas foram as fases da luta pela nacionalização do nosso petróleo é preciso esclarecer que todas as conquistas somente foram possíveis com a participação da consciência nacional, que precisa se manter vigilante para mantê-las. Não se pense que as forças mundiais de dominação econômica desapareceram. Elas ficam em estado de inércia até que os flancos de defesa das economias mais fracas abram a sua guarda. Nenhuma conquista do mais fraco acontece como dádiva do poderoso, ela sempre decorre da luta do seu povo”

PERFIL

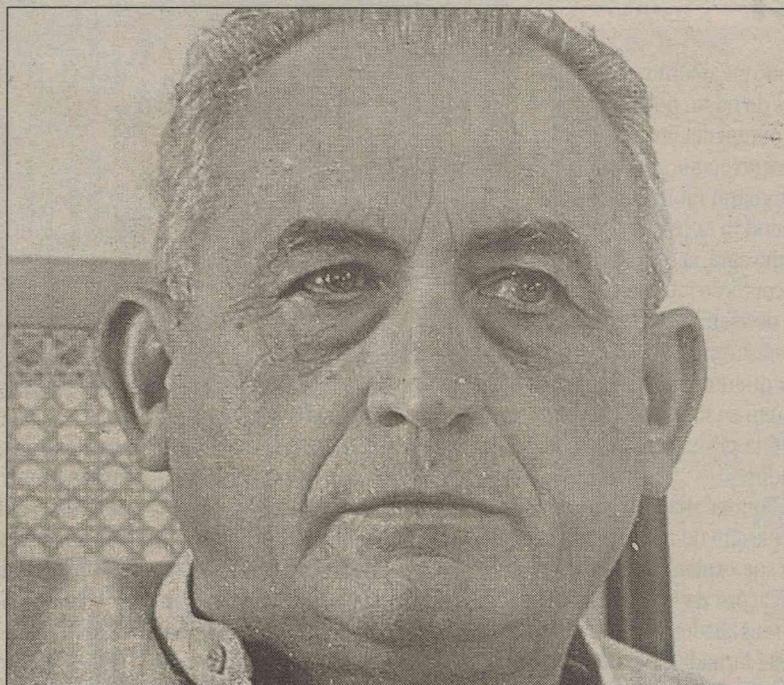
Roberto Brandão Furtado nasceu em Natal, no ano de 1933. Graduado em Direito, exerceu o cargo de procurador fiscal do Rio Grande do Norte. Em 1961 foi aprovado em primeiro lugar no concurso para juiz de Direito, tendo sido nomeado para a Comarca de Umarizal. Por opção pela advocacia, não tomou posse. Exerceu o cargo de procurador da Prefeitura de Natal (1963) e a partir de 1964 - período da ditadura militar -, advogou para mais de cem presos políticos de seu Estado. Furta-

do fundou o MDB no Estado em 1965, elegeu-se deputado estadual em 1966, 1974 e 1978 (já PMDB). Em 1980 foi eleito presidente da Seccional da OAB potiguar, tendo exercido posteriormente o cargo de conselheiro federal da entidade. O advogado potiguar criou na OAB-RN a Comissão de Direitos Humanos e presidiu, ainda, o Comitê de Anistia e o Comitê Pró Constituinte no Rio Grande do Norte. Foi vice-prefeito de Natal (1985), chefe da Casa Civil da Prefeitura, secretário de Estado de Segurança Pública (1995) e secretário de Administração Pública (1996), cargo que exerceu até o fim de 1998.



OPINIÃO ALDO TINOCO*

“**L**embro dos dias em que fui perseguido por policiais no Ceará, por defender o monopólio estatal do petróleo. Os opositores reagiam com violência por meio da polícia. Eles avançavam com os cacetetes, mas eu era mais esperto, eu corria. Foi no Ceará onde despertei o interesse pelas lutas contra os 'entreguistas', logo no início da campanha, em 1947. Um ano depois, vim a Natal, e continuei participando dos movimentos locais. Isso porque tinha consciência de que a Petrobras seria um fator de desenvolvimento. Ela se desenvolveu e hoje é uma grande empresa, mas tem, a cada dia, se tornado uma espécie de imperialista, dando pequenas sobras aos estados produtores. A Petrobras chega a cobrar do rio-grandense do norte o mesmo preço para a gasolina que outros lugares que não produzem uma gota de petróleo. Há um imperialismo interno exercido por ela. A gente que lutou pelo monopólio estatal esperava que o petróleo servisse realmente ao povo brasileiro. Infelizmente, ela serve muito pouco”.

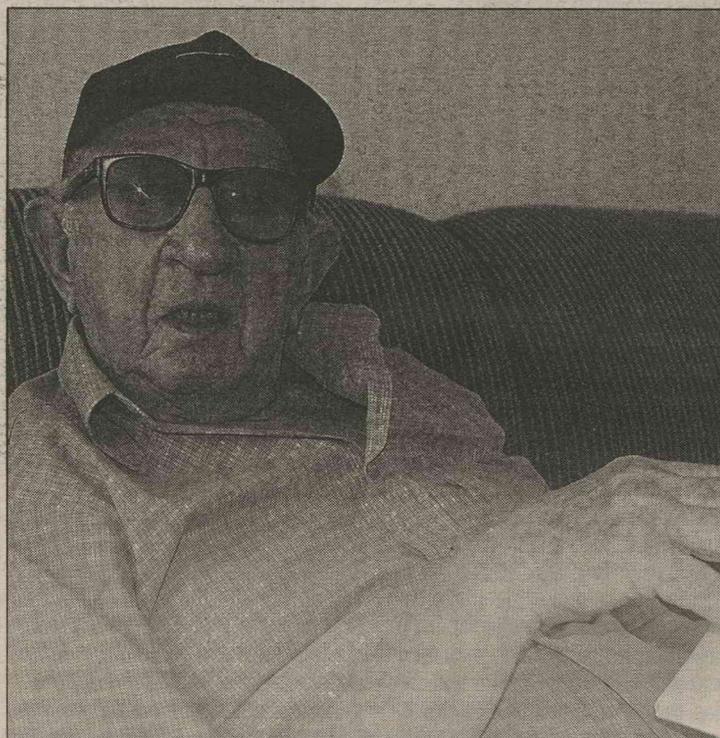


PERFIL

Aldo Tinoco é ex-militante do antigo Partido Comunista Brasileiro, o médico sanitário e ex-professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo Aldo Tinoco, atualmente com 80 anos, teve sua vida estudantil ligada à União Estudantil Cearense, onde integrava a diretoria. Quando adulto e morando em Natal, exerceu atividades políticas no Estado. Proprietário da Fazenda Engenho Canaã, da cidade de Riachuelo, localizada a 80 quilômetros de Natal, Aldo Tinoco dedica-se, atualmente, à criação de minhocas e abelhas, cujo interesse começou como um hobby há cerca de 20 anos.

OPINIÃO FRANCISCO PLÁCIDO DAS CHAGAS*

“**O** primeiro livro que li na vida foi 'Que sabe você sobre petróleo?', de Gondim da Fonseca, e foi aí que me apaixonei pela luta do petróleo. Mas, isso foi na década de 1960, quando morava em Natal. Eu era torcedor da Petrobras. Fui morar no Rio de Janeiro, e em 1970, fui eleito delegado para representar os trabalhadores brasileiros numa reunião tripartite num departamento da ONU, cuja discussão central era sobre minas não carboníferas. Nisso, eles incluíram uma parte sobre petróleo. E esse discurso foi a oportunidade que eu tive de lançar aquela chama, no plano internacional, e de aparecer numa discussão que incluía a Petrobras. Há uns dizeres bem interessantes, porque eu desabafei no que eu sentia, aquela vontade que eu tinha de gritar, de ser favorável à Petrobras, pois na época havia as forças reacionárias que diziam que era preciso esperar acabar as reservas da Venezuela pra depois explorar o nosso. Eram os donos do petróleo. Então, quando eu cheguei em Genebra, uma pessoa que falava em nome do embaixador disse estar preocupado com o que eu ia falar por causa da aliança que eles tinham com os Estados Unidos. E eu, como anti-americano que sempre fui disse tudo o que ninguém tinha onde dizer, pois não tinha onde divulgar. A repercussão foi muito boa”.

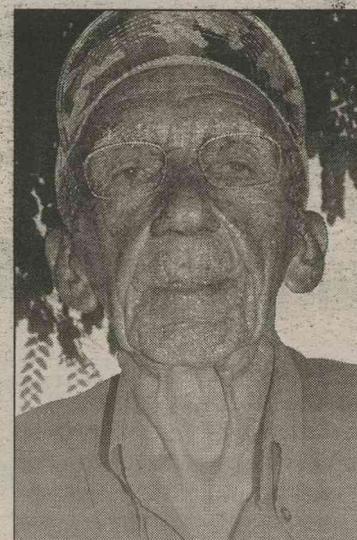


PERFIL

Aos 80 anos, Francisco Plácido das Chagas era alfaiate e foi um líder sindical bastante atuante, mas sua atuação se deu mais do Rio de Janeiro do que no Rio Grande do Norte. Aqui, ele fundou a Federação dos Trabalhadores na Indústria, em 1963 e foi presidente de sindicato. Em 1964, foi eleito para a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, no RJ, quando começou sua ação nacional. Mas, em 1º de abril foi caçado, permanecendo na clandestinidade por 15 anos, atuando esporadicamente no movimento sindical. Voltou para Natal em 1987.

OPINIÃO PRETEXTATO CRUZ*

“**O** Brasil sempre foi um país dependente de capital estrangeiro. E, durante a campanha, havia uma esperança de que ele se libertasse. Minha posição era de sindicalista e comunista, e participei do movimento juntamente com Francisco Plácido das Chagas. Fazíamos passeatas o tempo todo em prol da vitória do monopólio estatal. Naquela época, aqui no Rio Grande do Norte, tínhamos petróleo até no centro da cidade de Mossoró, Macau, Alto do Rodrigues. Então, a gente sempre teve e ainda tem petróleo, mas ainda hoje existe uma briga violenta por ele”.



PERFIL

Nascido em Natal, Pretextato Cruz foi alfaiate e, durante a vida, se dedicou aos sindicatos. O primeiro foi o dos Alfaiates e, posteriormente, com a Confederação dos Trabalhadores da Indústria, onde chegou a ser Secretário de Desenvolvimento.

OPINIÃO

GUARACY QUEIROZ DE OLIVEIRA*

Valério Konder

“Não falo do homem, e sim dos seus pensamentos. Só a idéia propagada por um homem, ou por homens, perdura, mesmo venha ele, mais tarde, como às vezes acontece, mudar de pensamentos, de idéias. O homem é, por instinto, versátil, mutável. Por isto, para não se cair em contradições nem dar margem a adversários ideológicos, devem aqueles que acreditam no progresso e na marcha ininterrupta do mundo para a esquerda, confiar nas idéias e nos homens, e não no homem e as propaga e defende, porque este, amanhã, por circunstâncias diversas, poderá vir a defender aquilo que ele ontem combatia.

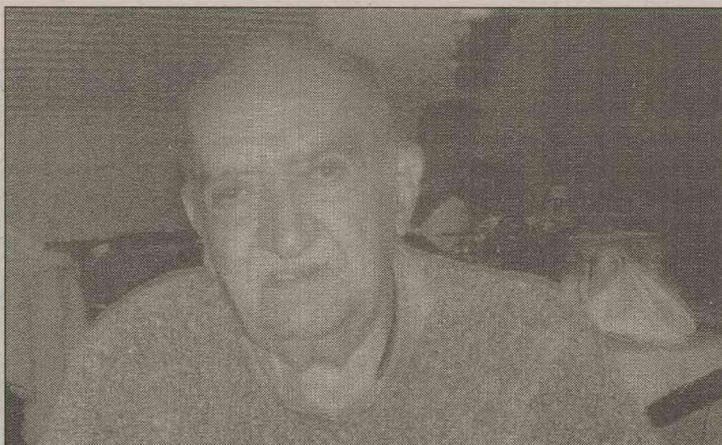
Falemos, pois, do idealismo patriótico do dr. Valério Konder, da luta em que está empenhado, do seu desamor defendendo princípios louváveis e combatidos pelos senhores do poder, ministros, deputados e senadores servis ao governo e as suas ambições desmedidas de homens inescrupulosos e impatriotas.

Designado pelo Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo a vir a esta Capital organizar os Centros Estaduais e promover conferências, aqui realizou uma notável palestra em torno do grande e palpitante problema da exploração do nosso petróleo, abordando-o de todos os lados e com uma objetividade de conhece-

dor profundo do assunto e das questões sociais do nosso povo, analisando, ligeira, porém detalhadamente os períodos escravocrata, colonial, feudal e latifundiário monocultural, salientando ainda a necessidade urgente de reforma agrária e da Revolução Industrial, condição indispensável aos países que desejam sobreviver ao período capitalista em expansão, e, portanto, não querem ser subjugados, nem tornarem-se simples fornecedores de matéria prima aos centros industrializados.

Valério Konder analisou a importância da questão do nosso petróleo, a luta pela sua exploração, as causas das mistificações da Standard e dos brasileiros seus aliados, os crimes praticados nesta jornada desde 1930 até o atual momento em que, com documentos nas mãos, grita o ex-presidente Artur Bernardes, em pleno Parlamento: Tenho em mãos documentos que provam a interferência dos trustes em nossa Constituição, onde conseguiram enxertar-lhe o art. 153 que deu origem ao imundo e anti-patriótico Estatuto do Petróleo.

Mostrou ainda o conferencista, de um modo claro, profundo e perspicaz, como agem os que se dizem patriotas: uns dizem ser neutros; outros preferindo ridicularizar a campanha, su-



bestimando aqueles que vão a praça pública gritar o petróleo é nosso. Chamou a esses de gorgeiteiros da Standard Oil. Abordou ainda a compra da refinaria, condenando a concessão das mesmas a grupos particulares, pois foram elas compradas com o dinheiro do povo e, assim, seria uma traição ao povo entrega-las aos agentes dos trustes, como são Correia & Magalhães e outros mais, todos eles identificados como funcionários da Standard, e, agora, candidatos a receberem as refinarias que estão para chegar.

Mais adiante o conferencista mostrou que na exploração do petróleo, a parte mais dispendiosa é a pesquisa, a procura do petróleo, e que o Brasil gastou muitos milhões (trezentos milhões de cruzeiros) e alguns anos de trabalho na pesquisa do seu petróleo. Porém locali-

zou os poços, restando agora a despesa com a refinaria, o transporte e a distribuição, ou seja, a parte onde os lucros são fabulosos e não há probabilidade de insucesso.

Pois bem, como acentuou Valério Konder: é agora, depois de gastos milhões, e de trabalhos enormes, que o Presidente Dutra quer entregar a Standard o subsolo brasileiro com petróleo descoberto e refinarias pagas pelo povo. Que valioso presente! Que enorme traição!

Estamos certos de que Valério Konder esclareceu e convenceu os presentes à conferência realizada no mês de janeiro, a lutarem pelo nosso petróleo, pela nossa independência econômica e política.

No Grande Hotel onde eu e colegas do Centro Estudantil do Petróleo fomos palestrar sobre o assunto que

PERFIL

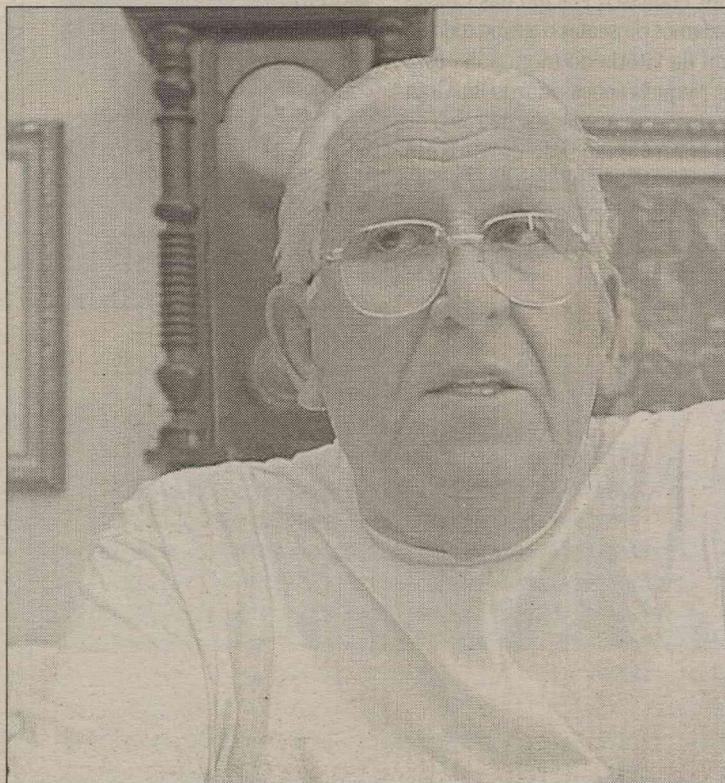
Guaracy Queiroz é jornalista e advogado. Artigo transcrito do jornal "Expressão", de 22 de março de 1949.

o trouxe aqui, tivemos oportunidade de conhecer também o organizador, quando Valério Konder nos sugeriu opiniões como se devia levar à frente com mais eficácia a campanha. Estamos certos de que o exemplo de Valério será seguido por muitos natalenses esperamos a cooperação dos homens de bem na organização que pretendemos fazer para lutar mais eficazmente.

As palavras de Valério Konder nos impressionaram. São palavras de um grande lutador, de um patriota eu sacrifico o seu bem estar pelo progresso da pátria e a felicidade de seu povo, pouco se incomodando com as calúnias e os insultos a si pelos macróbios estéries que continuam ainda a sua triste faina, procurando intoxicar os moços idealistas e exterminar os velhos tímidos”.

OPINIÃO

TICIANO DUARTE*



“Era estudante do Atheneu, mas, já militava na imprensa. Desde logo ingressei nos quadros da ANI, Associação Norte-riograndense de Imprensa, e fui convidado por Djalma Maranhão, meu velho amigo e professor de educação física, para integrar o comitê dirigente. Lembro-me das figuras que participaram da campanha em nosso Estado; o senador Kerginaldo Cavalcante que foi sem dúvidas, posteriormente, no Congresso, um dos líderes da batalha em favor da criação da Petrobrás, discutindo em debates memoráveis com o então senador pela Paraíba, o deputado Café Filho, o deputado estadual Moacir Duarte, o então vereador João Frederico Abott Galvão, os jornalistas Américo de Oliveira Costa, Leonardo Bezerra, Luiz Maranhão, Dorian Jorge Freire, o próprio Djalma, os estudantes Guaracy Queiroz de Oliveira, João Batista Pinto, Moacir de Gois, Lenine Pinto, Aderbal Moreli e outros que não me recordo. Um episódio dessa luta me ficou na memória. O ano, sem dúvidas foi o de 1948, no andar superior

do Natal Clube, onde depois funcionou a Rádio Trairi. Intelectuais, estudantes, políticos, magistrados, médicos, se reuniram para ouvir um grande orador, homem ligado ao PCB, mas respeitado pela sua coragem, integridade e cultura, o médico sanitário, Valério Konder. Ele andara pelo Rio Grande do Norte no final dos anos trinta e início dos anos quarenta, a serviço do Ministério da Saúde, tendo feito importantes amizades na terra, pelo trabalho e pesquisa que realizou sobre o mosquito Anopheles Gambiae e o combate a malária. Valério Konder era um excelente conferencista e orador fluente. Sua palavra empolgava a grande platéia que o aplaudia. Falava sobre a luta em defesa das nossas riquezas naturais, do que seria o monopólio estatal com a criação da empresa que iria explorar o ouro negro, antevendo o que seria a Petrobrás que nasceu anos depois, no governo Vargas. Recordo-me bem do que disse no seu empolgante pronunciamento: "se defender o Brasil, suas riquezas, sua soberania, é ser comunista, pois sou com muita honra,

comunista". Na sua frente, na primeira fila estava sentado o ex-governador Juvenal Lamartine, certamente seu amigo pessoal que ali estava para prestigiar-lo, sentado em companhia do médico e ex-deputado Milton Ribeiro Dantas. Os dois, quando ouviram essa declaração corajosa de Valério Konder, levantaram-se e de pé aplaudiram o revolucionário, o prisioneiro do movimento de 35, o perseguido da ditadura getuliana, constrangimentos e violências que sofreu depois, com a eclosão do movimento militar de 1964”

PERFIL

Nascido em Natal, Ticiano Duarte é advogado, professor, jornalista, líder maçônico em nível nacional e membro da Academia Norte-riograndense de Letras, além de ter atuado por longos anos como executivo governamental.

OPINIÃO

FLORIANO BEZERRA DE ARAUJO*

“A o mesmo tempo que lutava pelas melhorias das condições de trabalho e de salário para os salineiros, eu atuava na luta pelo petróleo no Rio Grande do Norte. Na luta sindical passei dez anos. Veio o golpe militar e fui exilado para Fernando de Noronha, ficando afastado das atividades políticas durante 18 anos. Só pude tirar meu título em 1982. Na volta da última prisão, em outubro de 1964, continuei a luta nos bastidores pelo petróleo, embora afastado politicamente. Essa luta começou em 1946, quando ao folhear uns livros na Biblioteca Pública Ruy Barbosa, em Macau, deparei-me com um tratado técnico-científico da Esso que falava das possibilidades de haver petróleo no Nordeste brasileiro. Esses documentos analisavam profundamente a existência de petróleo, pegando desde a Patagônia até a costa atlântica nortear-grandense.

Ainda tive acesso a outros dois relatórios, desta vez da Texaco, lidos na biblioteca Pública de Natal, idênticos ao da Esso. Em 1953, marquei audiência com o superintendente do Jornal Última Hora, no Rio de Janeiro, quando fiz uma exposição de motivos baseados nesses documentos e em algumas evidências de que havia petróleo no RN. O Jornal Última Hora no outro dia estampou matéria sobre o assunto que até então eles não tinham conhecimento.

Minha primeira participação no sindicalismo foi quando fui eleito vice-presidente numa chapa que tinha meu pai como presidente. Depois assumi por mais quatro mandatos seguidos como presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Sal de Macau.

Mas meu contato com a Campanha O Petróleo é Nosso começou em agosto de 1947, quando eu estava servindo o Tiro de Guerra, 242, em Macau.

Numa noite, ao terminar uma marcha, o sargento mossoroense Edvar Melo, que era instrutor, disse que iam chegar dois comunistas de Natal para fazer pichações na cidade e havia recibo um telegrama

da Ordem Social determinando a prisão dos pichadores. Foi então designada uma comissão de cinco soldados, presidida por um rapaz chamado Neuton Paulino de Souza e eu a integrava.

Às 9 horas começaram as buscas aos comunistas que só foram encontrados às 3:40h quando pichavam o prédio dos Carielos que ficava na rua Augusto Severo (rua da Frente). O soldado Neuton anunciou a prisão: "De ordem do Comando do Tiro de Guerra 242, os senhores estão presos e convidados a virem conosco para o quartel". Dr. Vulpiano, muito sagaz disse: "logo agora que estávamos começando a escrever que o petróleo é nosso, ou não é nosso?" E o soldado respondeu: - Não, o petróleo é nosso, mas se estou com uma ordem para prendê-los, nós vamos levá-los. No quartel apresentamos os dois presos: Dr. Vulpiano Cavalcanti de Araújo e o jornalista Luiz Maranhão. Mas já havia de minha parte uma certa identificação com os ideais esquerdistas e assim que pude mandei um recado para os dirigentes do Partido Comunista em Macau, pedindo duas redes e muita comida para os presos famintos.

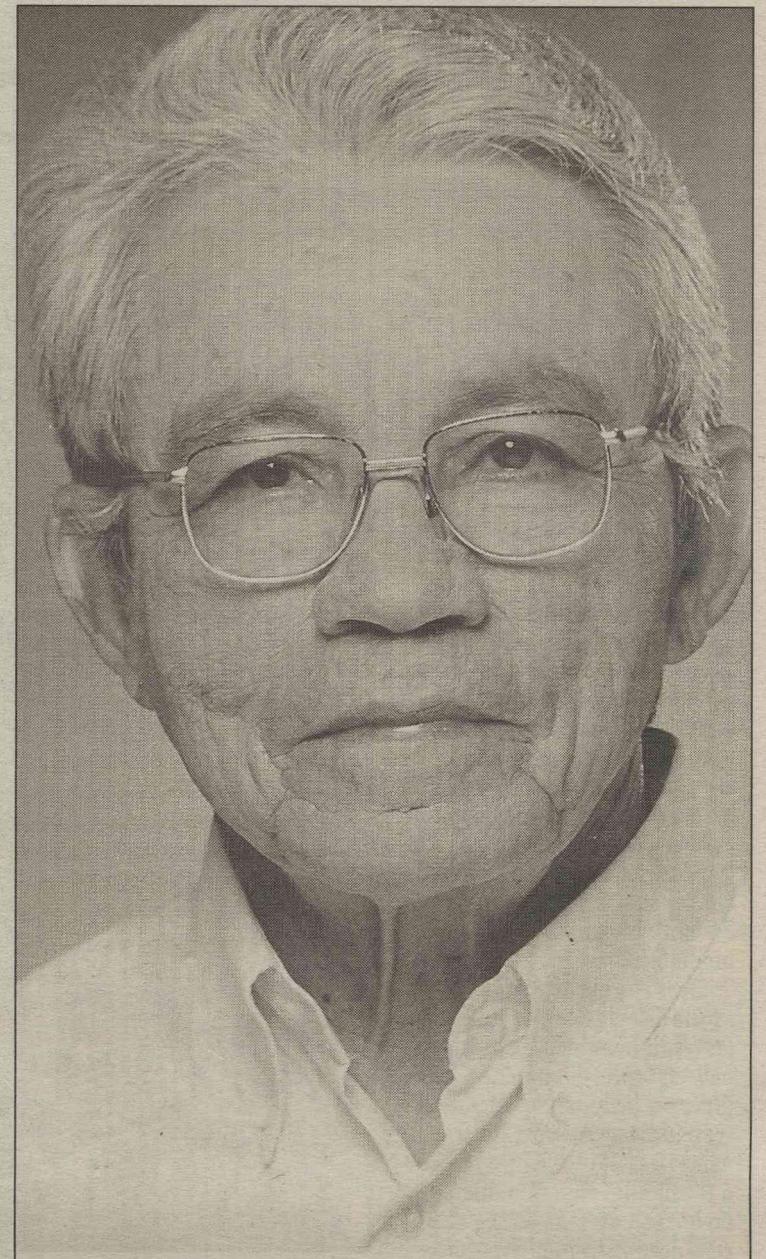
Mesmo vivendo a luta sindical atirei-me na luta política, conseguindo vencer eleições para a Assembléia Legislativa e fazendo um mandato combativo e em defesa do petróleo brasileiro. Travamos vários debates com parlamentares a respeito do assunto. Consegui arregimentar em torno da luta várias prefeituras e sindicatos de toda região do Vale do Açu, pegando Mossoró Areia Branca e Macau. Em Mossoró, essa luta encontrava total apoio em Vingt-un Rosado Maia.

Em consequência disso, em 1956, a Petrobras mandou sondas para perfuração em Gangorra, município de Grossos, e Macau, entre Soledade e Barreiras. O poço de Macau jorrou petróleo pela madrugada. Quando soube do que aconteceu, o engenheiro americano Walter Link, que havia sido contratado pela Petrobras, preocupou-se em soterrar o poço, acionando o Batalhão de Engenharia do Exército que estava em Macau, construindo um ramal de linha férrea. A própria Petrobras perfurou o poço e ela mesma se encarregou de mandar soterrar, numa luta que durou três dias, colocaram tudo que foi de massa, de cimento e liga da região de Macau, Afonso Bezerra e Mossoró, até massa de araruta foi comprada para fechar o poço.

Ainda hoje este poço está lacrado, e não faz parte do cronograma da Petrobras de poços perfurados no Rio Grande do Norte. Esse foi o primeiro poço perfurado no Rio Grande do Norte, embora a Petrobras tenha como primeiro o poço de Gangorra. Depois desse episódio continuei a luta indignado, com tamanha traição aos ideais nacionalistas.

Até que em 1959, quando era deputado estadual, arregimentou as prefeituras e sindicatos em torno de um dossiê que mandamos para o presidente Juscelino Kubitschek. A resposta veio alguns dias depois, através de um ofício com o selo da Presidência da República, assinado pelo general Nelson Minelo, chefe de Gabinete da Presidência da República, dizendo que não havia petróleo no Rio Grande do Norte, o que havia eram indícios de petróleo, economicamente inexploráveis. Mas o tempo foi passando e continuei a luta, mesmo casado politicamente, só sossegando quando apareceu petróleo em abundância nas terras potiguaras, entre os anos de 1984 a 1986.

Só assim é que desincarrilhei as armas, coloquei-as num canto de parede e sosseguei satisfeito em ver que toda essa luta surtiu bons resultados".



Somente quando descobriu-se petróleo em abundância no RN é que desincarrilhei as armas, coloquei-as num canto de parede e sosseguei satisfeito

PERFIL

Floriano Bezerra de Araújo, ex-deputado estadual e ex-líder sindical da região salineira de Macau e Vale do Açu.

no 1 SC-E/R

Em 19 de fevereiro de 1959

Excelentíssimo Senhor Deputado FLORIANO BEZERRA DE ARAÚJO
Presidente do Diretório Municipal Nacionalista de Macau - RGN

Em telegrama endereçado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, V. Excia. pleiteia sejam feitos estudos no sentido de apurar a existência, ou não, de petróleo no município de Macau no Rio Grande do Norte.

A respeito do assunto, a Petrobras vem de prestar os seguintes esclarecimentos:

"2. 1 - O Prospecto de Macau constituiu o segundo furo da Baía Sedimentar do Rio Grande do Norte, muito embora, de antemão, já fôsse considerado com perspectivas, dados os resultados obtidos em Gangorra, 100 km a oeste, onde, para desapontamento geral, os sedimentos perfurados debaixo seção de calcário foram de natureza contígua e portadores de água doce. Parece mesmo quase toda a área sedimentar do Rio Grande do Norte, um imenso reservatório de petróleo no subsolo.

PETROBRAS A CRIAÇÃO DA COMPANHIA DE PETRÓLEO DO BRASIL QUE ATUALMENTE FIGURA ENTRE AS 14 MAIORES EMPRESAS DO MUNDO E A 7ª MAIOR EM CAPITAL ABERTO

Resultados de uma campanha Vitoriosa

No dia 4 de outubro de 1953, como resultado de uma grande campanha nacional, foi sancionada por Getúlio Vargas a Lei nº 2004, instituindo o monopólio estatal do petróleo e criando a Petróleo Brasileiro S/A - Petrobras, atribuindo à mesma o monopólio de pesquisa, lavra, refino e transporte do petróleo e seus derivados em nosso país. Desde então, decorrem 54 anos de construção e de luta em defesa do que hoje é a maior e mais exitosa empresa brasileira. Foi em meio a um cenário nacionalista no pós-guerra que nasceu a Petrobras, num momento em que o país atravessava grandes turbulências políticas, econômicas e sociais. O Brasil, que até então tinha sua atividade econômica voltada para o setor primário, dava os primeiros passos rumo ao processo de industrialização.

Praticamente inexistia atividade petrolífera no país, a não ser raras ocorrências de óleo no subsolo, poucas informações geológicas e dados do geólogo americano Walter Link afirmando da inviabilidade da exploração de petróleo em nosso território que justificasse seu beneficiamento em escala industrial, espalhando a idéia de que seríamos sempre dependentes do fornecimento de outros países produtores.

Dessa forma, o país vivia uma áspera disputa entre os "entreguistas" (anti-monopólio) e os "nacionalistas" (pró-monopólio). Estes últimos, levantando a bandeira "O petróleo é nosso", venceram. A instalação da Petrobras colocou o Brasil num caminho diferente, no qual o país tem, ao seu alcance, o destino da indústria que alimenta o mundo de energia.

A data de sua fundação é considerada pelos nacionalistas brasileiros como uma data tão importante quanto o "7 de Setembro". Marcou o início da emancipação econômica da nação brasileira por ter sido o momento em que o país assumiu o controle de um produto fundamental para o desenvolvimento do país: o petróleo. Considerado um mineral estratégico desde a década de trinta do século XX, os militares brasileiros assumiram uma posição chave na decisão final de manter o "ouro negro" sob o controle do Estado.

Alguns meses depois, em 10 de maio de 1954, a Petrobras entrava em efetiva atividade. A empresa herdaria do Conselho Nacional do Petróleo (CNP) campos de petróleo com capacidade de produção de 2.700 barris por dia, além da

Refinaria de Mataripe na Bahia, processando cerca de 2.500 barris por dia. A Refinaria de Cubatão, em São Paulo, estava em construção. A nova empresa contava ainda com vinte navios petroleiros com capacidade de 221 mil toneladas.

Na época de sua criação, a produção nacional de petróleo não atingia 1,6% do consumo interno, o que impulsionou os movimentos sociais para a independência petrolífera. Em todo esse período, a Petrobras tornou-se uma empresa rentável e competitiva, contando com apoio do Governo Federal e dos seus quase 500 mil acionistas, e vem garantindo o abastecimento de petróleo e seus derivados ao país.



SAIBA QUE...

A Petrobras assegura hoje 48 mil empregos diretos e outros 130 mil através de prestadores de serviços, e patrocina projetos culturais, esportivos e de promoção social. Em meio século tornou-se uma das maiores e mais respeitadas empresas do mundo, reconhecida por sua excelência tecnológica, tendo recebido duas vezes o principal prêmio concedido pela Offshore Technology Conference por seu know-how de produção em águas profundas.

AUTO-SUFICIÊNCIA

Em abril de 2006, com o início das atividades de produção da plataforma P-50, no Campo de Albacora Leste, na Bacia de Campos/SP, a Petrobras atingiu a auto-suficiência sustentável em petróleo. A P-50 é um FPSO, sigla de Floating, Production Storage Offloading, unidade que possui a característica de produzir, processar, armazenar e escoar óleo e gás. É a unidade flutuante de maior capacidade do Brasil, podendo produzir até 180 mil barris diários.

Atualmente, a Petrobras é a 14ª companhia de petróleo do mundo, integrante do seleto grupo de empresas que produzem em torno de 2 milhões de barris/dia. Evoluiu de uma empresa essencialmente petrolífera para uma companhia de energia. A empresa renova-se constantemente, colocando-se na vanguarda da pesquisa e do desenvolvimento de novas

técnicas de prospecção, exploração e refino.

Hoje, a empresa é recordista mundial de perfuração em águas profundas, tecnologia esta que exporta para outros países. Mais de 100 plataformas de produção, dezesseis refinarias, trinta mil quilômetros em dutos e mais de seis mil postos de combustíveis. Com 14.061 poços produtores, a empresa detém reservas de mais de 11 bilhões de barris de óleo e gás no Brasil e exterior, 97 plataformas.

Na área internacional, a Companhia mantém atividades operacionais ou escritórios em 23 países. A produção internacional que era de apenas 58 mil barris de óleo e gás passou, em 2006, para 230 mil barris diários. No ranking mundial a Petrobras se tornou a 14ª empresa, entre todas as companhias de petróleo e a 7ª entre as de capital aberto.